



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Marcos Candido da Silva

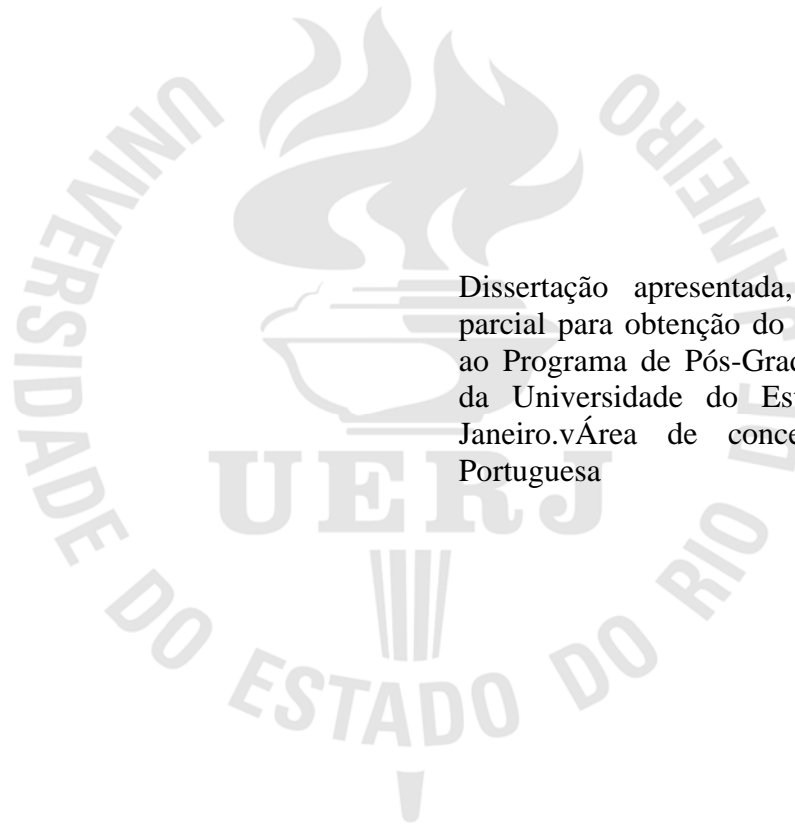
Ensino de morfologia: um outro processo

Rio de Janeiro

2007

Marcos Candido da Silva

Ensino de morfologia: um outro processo



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre , ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.vÁrea de concentração: Língua Portuguesa

Orientador : Prof. Dra. Darcília Marindir Pinto Simões

Rio de Janeiro

2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S586 Silva, Marcos Candido da.
Ensino de morfologia: um outro processo / Marcos Candido da
Silva . – 2007.
84 f.

Orientador : Darcília Simões.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa - Morfologia – Teses. 2. Língua portuguesa –
Estudo e ensino – Teses. 3. Leitura – Estudo e ensino – Teses. 4.
Escrita - Teses. I. Simões, Darcília Marindir P. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-55

MARCOS CANDIDO DA SILVA
Ensino de morfologia: um outro processo

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras – Área de concentração em _____, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Data: 08 de março de 2007.

Banca Examinadora:

Profª Drª Darcilia Simões – Orientador
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Profª Drª Maria Teresa Gonçalves Pereira - Titular
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Profª Drª Aira Suzana Ribeiro Martins - Titular
Colégio Pedro II

Suplentes:

Profª Dr. Manuel Ferreira da Costa
Colégio Pedro II

Profª Drª Maria Suzett Biembengut Santade
FIMI e FMPFM-Mogi Guaçu/SP

AGRADECIMENTOS

A meu pai por possibilitar que eu chegasse onde me encontro hoje. À minha mãe por ter lutado por mim.

Aos professores Maria Teresa Gonçalves Pereira e André Crim Valente por tudo que não se pode enumerar: desprendimento, atenção, apoio, incentivo... AMIZADE.

À minha orientadora não apenas por me orientar; por ser um exemplo de empenho; por sua dedicação à academia e à família. Agradeço por acreditar em mim.

RESUMO

O presente trabalho sugere que o ensino de morfologia possa contribuir com a proficiência em leitura e escrita dos alunos. Buscou-se refletir sobre essa prática com a intenção de mostrar o ensino de um componente curricular como meio e não como fim em si mesmo. Focaliza-se o funcionamento do sistema da língua para que, com tal domínio, amplie-se sua competência lingüística. Propomos a discussão em classe da pertinência do sentido contextual da nova formação que aparece nos textos dos cronistas eleitos seguida da reutilização das mesmas (ou similares) em seus próprios textos. O que sugerimos é exatamente uma prática inversa à habitualmente vista nas escolas. Confrontamos semelhanças e dessemelhanças das combinações lexicais com outros processos de formação de palavras por composição, além de verificar se as combinações lexicais são passíveis de análises estruturais e semânticas.

Palavras-chave: Ensino; texto; leitura; escrita.

RESUMEN

Ese trabajo sugiere una enseñanza de morfología que venga a contribuir para la preeficiencia en la lectura y escritura de los alumnos. Se ha buscado una reflexión sobre la práctica didáctica para mostrar la enseñanza de un componente curricular como estrategia y no como fin en si mismo. Focalizase el funcionamiento de sistema de la lengua para que, con tal dominio, amplíese su competencia lingüística. Proponemos la discusión en clase de la pertinencia del sentido contextual de la nueva formación que aparece en los textos de los cronistas elegidos seguida de la reutilización de las mismas (o similares) por los alumnos en sus propios textos. Presentamos una propuesta de una práctica inversa a la desarrollada en las escuelas. Confrontamos semejanzas y diferencias de las combinaciones lexicales con otros procesos de formación de palabras por la composición, además de verificar se las combinaciones lexicales se prestan a análisis estructurales y semánticas.

Palabras-llave: Enseñanza; texto; lectura; escritura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. BASE TEÓRICA.....	14
2.1 Combinação lexical: produtividade e produção.....	19
2.2 Combinação lexical e outros processos.....	23
2.3 Formações Compostas.....	25
2.4 Combinação lexical e composição.....	36
2.5 Combinação lexical e analogia.....	39
2.6 Combinação lexical e recomposição.....	42
3. ESTUDOS APLICADOS	44
3.1 Combinação lexical: função e constituição.....	44
3.2 Combinação lexical: estrutura e semântica.....	53
3.3 Formação das palavras.....	59
3.4 Estudo funcional.....	64
3.5 Estruturas secundárias.....	67
3.6 Diferentes visões.....	70
3.7 Uma polêmica.....	72
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXO 1.....	81
ANEXO 2.....	83

1. INTRODUÇÃO

O ensino de morfologia como fim em si mesmo – supervalorizando sua terminologia – não contribui para a ampliação da competência lingüística do alunado. O estudo/ensino meramente classificatório não representa uma boa estratégia para o educador que deseja, por meio de qualquer conteúdo do componente curricular gramatical, cumprir com o maior objetivo pedagógico do ensino da língua materna: ampliar o nível de leitura e escrita de seus alunos (Perini, 2006).

A nossa proposição pode eximir professores e alunos de uma exaustiva e ineficiente aula que prima pela quantidade dos termos classificatórios, consistindo em uma técnica de ensino-aprendizagem a mais produtiva possível: lidamos com as formações das palavras lendo-as e escrevendo-as.

O mais importante não é saber classificar uma estrutura da língua portuguesa; antes de tudo, o falante deve demonstrar proficiência em saber formá-la, empregando-a adequadamente, vindo a desenvolver sua competência lingüística, como afirma Souza (1997).

Nosso projeto acadêmico de contribuir para a melhoria da qualidade das aulas de português em prol da formação de um cidadão não só competente, mas ainda consciente, levou-nos a apresentar nesta dissertação uma apreciação desfavorável ao método que recorre somente ao entendimento da terminologia prescrita pela gramática normativa ou a sua substituição por termos da linguagem científica como estratégia de ensino.

Propomos um estudo/ensino de morfologia pela potencialidade do léxico – cujo principal objetivo seja o desenvolvimento da produção lingüística do falante – levando-o ao discernimento de formações por combinação lexical pelo funcionamento da língua.

Decidimos focalizar em nossa pesquisa o processo de formação de palavras, tendo por meta propor uma estratégia de ensino de morfologia pela discussão didática do *corpus* analisado, tecendo considerações sobre condições de produtividade e produção da combinação lexical, bem como a utilização do conteúdo gramatical para ampliar o nível de leitura e escrita dos alunos. Tomamos como discussão as palavras

que se encontram no Anexo 1 (de crônicas jornalísticas) e as confrontamos com as que estão no Anexo 2 (extraídas de textos produzidos pelos alunos).

Selecionamos onze crônicas durante o primeiro semestre de 2004 para atingir nossa meta (cinco de Agamenon, três de Verissimo, três de Xexéo), os quais marcam ideologicamente seus discursos quanto aos escândalos referentes ao governo Lula. Percebemos a utilização de formas cruzadas formadas pelos autores para alcançar o sentido que desejavam comunicar pela palavra que utilizavam. Analisamos não só as referidas combinações lexicais encontradas nas crônicas lidas nas aulas com nossos alunos, como também as formações amálgamas das redações produzidas pelos discentes a partir da leitura do gênero que levamos para a sala de aula.

A pesquisa que ora apresentamos reflete a possibilidade de utilizar o ensino de morfologia como meio para a elevação do nível de leitura e escrita do alunado (cf. Parâmetros Curriculares Nacionais, 2000).

Nossa pesquisa se desenvolveu em uma turma de baixa renda de que somos professor, do 3º ano do ensino médio noturno, em uma escola estadual inserida no que hoje se entende por “comunidade”, localizada em área de difícil acesso, em São João de Meriti (baixada fluminense).

Consideramos para aplicação da pesquisa a seleção de combinações lexicais, do primeiro semestre do ano de 2004, encontradas nas crônicas dominicais, do jornal *O Globo*. Aplicamos o método no primeiro semestre de 2005, entendendo a utilização das crônicas como motivo bastante tanto para que os alunos lessem quanto, a partir da leitura, compusessem seus textos.

Decidimos partir desse ponto por duas razões: 1- o ensino de morfologia é conteúdo gramatical obrigatório; 2- não se observa sua relação com o desenvolvimento da proficiência em leitura e escrita do aluno no ensino médio. Sabe-se que o mesmo acontece com o ensino dos outros conteúdos, mas toda pesquisa precisa ser delimitada, e nossa atenção fixou-se na possível contribuição advinda do ensino de morfologia.

Muito se tem discutido nas escolas onde lecionamos sobre o desinteresse do alunado em ler, sobre a sua falta de habilidade em produzir textos. Temos ciência de que a responsabilidade pelo interesse do aluno nesse ou naquele ponto trabalhado pela escola é também da família e dos demais membros da comunidade escolar (Lei de

Diretrizes e Bases, 1996): decidimos tentar contribuir com a nossa pesquisa para tentar minimizar ou resolver o problema ainda que a responsabilidade não seja inteiramente nossa. Sabe-se que todo professor (independente do componente curricular) trabalha seu conteúdo partindo do conhecimento de leitura e escrita do alunado. Não existe deslocamento do discente para nenhum espaço da escola com finalidade de reparar a deficiência de uma ou de ambas as aquisições a que nos referimos (que não seja no horário da aula em que se discute um conteúdo) passada a fase de assimilação. Nossa preocupação, além de ser pertinente, também possibilita ampliar as outras competências dos alunos: pois a proficiência em leitura e escrita os conduzirá a uma melhora de rendimentos, considerando que serão avaliados lendo as questões da prova e escrevendo as respostas para essas questões.

Compreendemos que abandonar uma prática que está sendo aplicada há bastante tempo não é fácil, porém nos podemos orientar pelo conhecimento que o falante demonstra ter da língua para, a partir do que o aluno parece dominar, proporcionar ao discente o que não domina: uma prática inversa à utilizada na escola habitualmente. Consideramos pertinente essa proposição não só para discutir análise morfológica quanto para apresentar outros conteúdos gramaticais.

Propomos que a valorização do ensino seja pelo método de investigação, reflexão crítica, percepção de mecanismos: não por decorar processos formativos ou o sentido de bases e sentido de afixos. Não acreditamos que decorar leve o aluno a verbalizar (por escrito) com desenvoltura seu conhecimento sobre os fatos atuais: domínio terminológico não significa conhecimento de mundo. Nossa inquietação está assentada no fato de que as redações colegiais demonstram a inabilidade verbal escrita do estudante: o que ocorre por falta de leitura (cf. Garcia, 2007).

Talvez poucos profissionais que atuem no seguimento em que aplicamos nossa pesquisa percebam a ineficácia de se trabalhar somente com teorias, normalizações, paradigmas, principalmente quando não acontece em bases sólidas. Percebe-se a supervalorização que determinados profissionais dão à normativa gramatical, utilizando-a tanto para classificar elementos mórficos quanto para cobrar essas classificações como meio de medir a “inteligência” do aluno na prova.

Propomo-nos a apresentar uma pesquisa que ressalte o mais possível o domínio, a reflexão e a produção lingüístico-gramatical. Nosso discurso valida o que priorizam as diretrizes e os parâmetros para o ensino médio, os quais estabelecem reconsiderações a respeito da prática pedagógica de estudo da língua materna, em especial, sobre o que ensinar, para que ensinar e como ensinar. Estes exigem do profissional de Letras a capacidade de utilizar os recursos da linguagem, articulando-os com o sistema de referência e o domínio teórico e descritivo de aspectos léxico-gramaticais para o ensino da língua portuguesa.

Os que estão lecionando no ensino médio constataam a distância: de um lado estão as sugestões propostas por diretrizes e parâmetros; do outro lado diametralmente oposto encontra-se a abordagem tradicional utilizada em sala de aula para apresentação do conteúdo e para cobrá-lo na avaliação: ações orientadas pelo predomínio do uso isolado dos compêndios gramaticais.

Não gostaríamos que ficasse subentendida a intenção de sugerir o abandono da terminologia morfológica da linguagem científica - apresentada como resultado de pesquisas lingüísticas - e prescrita pela gramática de cunho normativo. Objetivamos mostrar a existência da real necessidade de apontar metodologias, visando ao desenvolvimento de habilidades e competências de ampliação de leitura e escrita a partir de todos os componentes curriculares e de todos os conteúdos desses componentes curriculares: fizemos nossa parte quando aplicamos pelo componente curricular em que temos formação, pelo conteúdo que lecionamos.

Percebe-se essa preocupação de redimensionamento no ensino de língua vernácula pela leitura do artigo, cuja autora desenvolve e orienta pesquisas sobre estratégias de ensino. Referimo-nos a Simões (2000) em “A formação docente em Letras à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais; códigos e linguagens”. Citamos nossa orientadora com o intuito de referendar nossa visão acerca de um novo caminho para o ensino de língua vernácula, pois quem nos orienta recomenda em seu artigo que o professor de línguas desenvolva a competência lingüística do aluno do ensino médio, considerando a habilidade que o discente demonstra em situações que exijam graus de reflexão sobre contextos e estatutos de interlocutores, utilizando a competência comunicativa como visão de referência do valor social e simbólico da atividade

lingüística. Entendemos, pela citação de Simões (*op. cit.*), que a professora pretende, com sua proposta de inserção semiótica no curso de Letras, definir os limites sem os quais o profissional desta área teria dificuldade em prosseguir em seus estudos.

Propomos nesta discussão a respeito das relações entre análise morfológica e ensino da língua que se configure a competência lingüística do alunado com o objetivo de que se amplie um refinamento da compreensão e da explicitação dos mecanismos estruturais e funcionais da língua como fazem não só Simões, mas também Azeredo, Perini e Neves.

José Carlos Azeredo apresenta em *Fundamentos de Gramática do Português* (2002) a questão do para que serve o ensino da análise gramatical. Destacamos a inutilidade do ensino totalmente normativo da língua dentre as reflexões do nosso ex-professor. O autor afirma que a dificuldade em transformar a linguagem em um objeto de observação, estudo e análise consiste na obsessão normativa que permeia o ensino de língua desde seu início.

Mário Perini afirma em sua *Gramática descritiva do português* (2006) que uma das razões mais fortes que o levou a produzir o mencionado trabalho foi a busca de professores e alunos por uma nova metodologia no ensino de gramática da língua portuguesa. Encontra-se no trabalho do autor uma preocupação pedagógica na explanação de seu trabalho lingüístico, não se limitando a levar o aluno a aprender gramática pelo resto da vida sem que consiga utilizá-la como instrumento de leitura e escrita.

Maria Helena de Moura Neves em *A gramática: história, teoria e análise, ensino* (2002), insere várias questões relacionadas ao ensino de gramatical em geral no seu trabalho. A escritora destaca o para quê ensinar gramática se não houver uma abordagem lingüístico-gramatical partindo de um enfoque textual.

Existe uma intrínseca relação entre domínio gramatical e produção de textos, segundo Neves (*op. cit.*). A professora assegura que a construção de um bom texto relaciona-se a sólidos conhecimentos gramaticais. Pode-se entender então que produção de texto e ensino de gramática não são atividades que se excluem; pelo contrário, a tessitura textual substancia-se pelo domínio gramatical.

Julgamos válido contribuir para o ensino de língua apresentando mais uma estratégia para o método de ensino pela sustentação teórica dos autores mencionados, considerando a língua um instrumento de comunicação do pensamento. A linguagem utilizada por um falante de uma comunidade lingüística é, por um lado, o meio pelo qual se faz entender com seu interlocutor; por outro, o veículo que entende com clareza os textos que circulam na sociedade de que faz parte.

Utilizando o ensino de morfologia para a melhoria da qualidade das aulas de português em prol da formação cidadã de nossos alunos, tornando-os mais competentes e conscientes, ajudaremos a tornar sua inserção social mais ampla e a combater o analfabetismo funcional.

A morfologia é conteúdo lingüístico estudado nos níveis fundamental, médio e superior (em especial no Curso de Letras) sem que se adote como prática, em geral, sua vinculação com a leitura e com a escrita, fazendo parecer que a palavra – objeto da análise em constituintes mórficos – deve-se dissociar de um texto...

2. BASE TEÓRICA

A língua não é apenas um meio de comunicação; é antes de tudo um sistema pelo qual o homem organiza o mundo. Tendo afinidade com o que reproduzimos como uma das possíveis definições do que seja língua, procuramos salientar os mecanismos pelos quais o falante transmite o sentido das palavras que estrutura na combinação lexical.

Procuramos estabelecer uma estreita aproximação das relações lingüísticas resultantes de uma aparente contraposição: de um lado a arbitrariedade do signo lingüístico; do outro, a produtividade lexical para o falante comunicar suas nomeações, seu conhecimento de mundo, seu juízo de valor (Bechara, 1999).

Decidimos discorrer sobre os pontos essenciais acerca da linguagem, tais como o intrigante paradoxo do signo lingüístico (arbitrário por sua natureza, no entanto sujeito às forças atuantes da comunidade lingüística sincrônica) percebendo que existe teórico que considera a combinação lexical uma idiossincrasia. Referimo-nos a Azeredo (2002: 103) quando escreve: “Chama-se amálgama lexical ao tipo de composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevista dois ou mais lexemas”.

Alicerçados pela apreciação da produção dos teóricos que já foram citados, acrescentando as contribuições trazidas por Alves, Basílio, Carvalho, Barbosa, Pio, Monteiro, Sandmann dentre outros, apresentaremos a combinação lexical como um processo produtivo, não obstante o lugar marginal em que se insere em compêndios gramaticais. Pudemos concluir o estudo sobre o mecanismo de formação estudado pelas semelhanças e dessemelhanças com formações compostas justapostas e aglutinadas, com a analogia e com a recomposição.

A pesquisa faz repensar os posicionamentos do se apresenta nas obras consultadas dos teóricos Gladstone Chaves de Mello, Said Ali, Celso Cunha e Lindley Cintra, José Carlos Azeredo, Evanildo Bechara, Rocha Lima, Celso Pedro Luft sem refutar suas contribuições (não sendo o propósito da pesquisa tampouco o intento do autor). Trata-se apenas de refletir, dentre outras considerações, acerca da objetividade e sobre a relevância das combinações lexicais nos estudos gramaticais, observando a

posição dos teóricos mencionados, contrapondo-as à leitura que fizemos de outros autores.

Sabe-se que a linguagem desempenha o papel de expressar os estados emotivos de forma exclusivamente humana por meio de signos convencionais paralelamente ao desempenho da função comunicativa. A diferença entre a função comunicativa e a expressiva está nos fins visados pelo locutor: nesta o usuário da língua é movido unicamente pela necessidade de exteriorizar o seu “eu” interior, tornando secundário o papel do interlocutor.

Entendemos quando Azeredo (2002) afirma que a língua não é apenas um meio de comunicação; ela é antes de tudo um sistema de categorias que permite ao homem organizar o mundo em uma estrutura dotada de sentido. A língua cumpre duas funções nessa perspectiva: estrutura a experiência humana da realidade em conteúdos significativos de consciência e torna esses conteúdos comunicáveis por meio do discurso.

Fazemos usos variados da língua que falamos. Esses usos têm duas características em comum em sua diversidade: conceito e materialidade. A realidade da língua permanece inconsciente, abstrata, de modo geral apenas um conceito, se não explicitamos o mecanismo pelo qual os conceitos verbalizados se materializam. O falante que não tem formação lingüística desconhece a sustentação teórica que pode ser atribuída a esse seu conhecimento das operações que realizam para falar (Rocha, 2003). A característica da materialização permite que, por mais abstratas e particulares que sejam as operações de pensamento, elas recebam materialização: forma corpórea do conceito.

Percebe-se que pensar e falar são duas atividades distintas por excelência, que se conjugam pela necessidade prática da comunicação, mas cada uma tem o seu domínio e suas potencialidades: a língua oferece formações materializadas para que o homem comunique seus pensamentos.

Um conteúdo do pensamento, fato de difícil definição quer seja por características de intencionalidade quer por sua natureza psíquica, só recebe uma materialização, isto é, uma forma, no momento em que é enunciado. Essa forma é um molde de toda expressão possível para aquele conceito que estava no pensamento.

Dizemos “expressão possível” porque o universo das formas lingüísticas, ainda que vasto, tem seus limites.

Como a língua é um sistema organizado por meio de signos distintos e distintivos, suscetíveis eles mesmos de se decompor em unidades inferiores ou de agruparem-se em unidades complexas, o conteúdo do pensamento apropria-se das marcas de que o sistema dispõe; não o contrário (Bakhtin, 2003).

O pensamento não é uma matéria a que a língua empresta forma, pois em nenhum momento se pode imaginar a forma vazia de conteúdo, nem o conteúdo independente de sua forma. O pensamento é simultaneamente captado, formado e materializado na língua (Bakhtin, *op. cit.*).

Parece-nos importante ressaltar essa questão no início do trabalho sobre uma formação morfológica, visto que todas as categorias lingüísticas – atributos de um sistema que todo falante adquire e internaliza – não estão sujeitas ao gosto de cada um dos usuários autóctones da língua. O pensamento pode pretender estabelecer novas formações ou especificar as formações já existentes; todavia, estará sempre subordinado aos mecanismos que uma língua em particular lhe oferece para fazê-lo.

A língua – como instituição dinâmica que é – não pode estar condenada à imutabilidade perpétua. Há de se impor limites aos impulsos idiossincráticos, até porque a língua também exerce uma função conservadora, na medida em que preserva os pilares de sua estrutura particular. Este aparente paradoxo é mais bem explicitado quando discorreremos acerca da arbitrariedade do signo e da produtividade lexical.

Voltemos então à concepção de que a língua se compõe de signos distintos e distintivos para ressaltar a arbitrariedade do signo e a produtividade lexical. Saussure (1977) chama signo à combinação do significado (conceito) e do significante (imagem acústica). O signo lingüístico é arbitrário: não existe qualquer relação conceitual ou semântica, traço natural algum na realidade entre conteúdo do pensamento e o conteúdo da forma: portanto os signos lingüísticos são meios de expressão convencionais. Entende-se assim que estes são impostos à comunidade lingüística por herança, não conhecendo outra lei que não a tradição sendo arbitrário, obedecendo somente à tradição por isso.

O princípio da arbitrariedade protege a língua das tentativas de mudanças radicais. Outras razões explicam essa suposta imutabilidade da língua: o grande número de signos necessários para constituí-la, o caráter bastante complexo do sistema lingüístico e a resistência dos puristas e conservadores a toda renovação lingüística.

As línguas evoluem conquanto se caracterizem pela impressão de imutabilidade. Isto quer dizer que ainda que seja imposto à comunidade lingüística, e por isso não pode ser mudado, o signo está em condições de alterar-se porque se continua. Essa aparente contradição incitada por Saussure destaca uma verdade: “que a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la”.

A língua pode ser vista como uma convenção suscetível a modificações conforme a ação do tempo que se combina com a ação da força social. O tempo permite que as forças sociais atuantes sobre a língua desenvolvam seus efeitos, é sem ultrapassar jamais os limites que o sistema lhes impõe.

Tendo em vista que a língua está sujeita a mudanças, cumpre-nos lembrar uma das possibilidades de alteração do sistema lingüístico: a ampliação do léxico. A produtividade lexical é uma propriedade inerente ao mecanismo das estruturas lingüísticas, possibilitando a formação de novas palavras.

A produtividade consiste na possibilidade de combinação ou construção das estruturas lingüísticas em todos os níveis: fonológico, morfológico e semântico. O princípio da produtividade situa-se na dimensão da criatividade: atividade livre e criadora que não repete simplesmente o que já foi produzido (Bechara, 1999). O autor afirma que a linguagem apresenta cinco dimensões: criatividade, materialidade, semanticidade, alteridade e historicidade.

Entende-se pela historicidade que não existe língua desacompanhada de sua referência histórica. A dimensão da alteridade ressalta a natureza político-social do ato da linguagem humana. A materialidade é o nível corpóreo da linguagem: produção e recepção por meio de experiência física, material. A semanticidade ocorre porque na linguagem tudo significa. A criatividade se manifesta pela capacidade que todo usuário de uma língua tem de dinamizá-la segundo princípios daquele sistema lingüístico.

A produtividade é o principal recurso de que se servem as línguas para ampliar o léxico, formando novas palavras a partir de morfemas e palavras já existentes. Podem-se

unir duas palavras, formando uma outra palavra, por exemplo. Assim *crioulo* (significando negro sincronicamente) combina-se à palavra *louro* (em referência à tonalidade dos cabelos), formando a palavra *crilouro*.

Sandmann (1997) considera a produtividade lexical limitada, referindo-se ao purismo e conservadorismo (fator cultural) como impeditivos para a ampliação da produtividade lexical. Rocha (2003) classifica algumas dessas restrições e considera a possibilidade da inércia morfológica para uma nova formação.

Faremos uma resumida apresentação das restrições classificadas por Rocha (*op. cit.*) à guisa de esclarecimento. Estas restrições relacionam-se aos fatores lingüísticos da seguinte ordem: fonológica, paradigmática, pragmática e discursiva. Vejamos como se pode resumir a idéia do autor:

A restrição fonológica diz respeito às palavras de difícil realização sonora; *saboneteira* / **saboneteireira*;

A restrição paradigmática ocorre quando uma formação estruturalmente perfeita deixa de ser institucionalizada, ou seja, incorre em inércia morfológica, pela existência de uma formação já consagrada na língua: *porta-bandeira* / **bandeireira*;

Ocorre restrição pragmática quando a palavra estruturalmente perfeita não é relevante para uma comunidade lingüística: *doleiro* / **franqueiro* (em referência à moeda franco);

* Formação possível e perfeita estruturalmente, mas não consagrada por restrição pragmática.

As razões discursivas referem-se à intencionalidade do falante, por exemplo, *por*); escolhas sufixais avaliativas: *macumbeiro* (pejorativo) / *espiritualista* (valoração

A inércia morfológica já foi inserida na restrição paradigmática, configura-se pela inexistência de alguns produtos lexicais ainda que não exista restrição à sua formação: a palavra formada não passa a ter curso na língua, sendo rejeitada pela comunidade lingüística.

Basílio (1998) considera difícil explicar o fenômeno da aquisição do léxico sem a pressuposição de utilização de regras maciças de formação de palavras. A competência lingüística do usuário autóctone da língua o permite adicionar ou reunir elementos mórficos a uma base formando palavras novas. A produtividade permite que

um sistema lingüístico se veicule por novas representações que vão continuamente surgindo, mediante variados processos.

Decidimos discorrer a respeito de conceito e materialização – refletindo sobre a contribuição da teoria saussureana - nesta parte do trabalho para que se entenda a delimitação que fizemos para discutir didaticamente o *corpus* da pesquisa que desenvolvemos. Esse aspecto fonêmico (cf. Câmara Jr., 1986) importa muito na composição deste estudo, considerando que a apresentação do mecanismo de formação de palavras representa um processo de estruturação lingüística desta categoria.

2.1 Combinação lexical: produtividade e produção

As palavras são representações do mundo exterior, por estas formações comunicamos o sentido materializado do nosso pensamento com quem mantemos interlocução. São instrumentos de comunicação organizados em estrutura, providos de sentido, utilizados para rotular objetos, nomear pessoas, eventos, produtos, ações...

A necessidade de nomear contribui tanto para a linguagem técnica ou científica quanto para a linguagem em geral: ambas participam do nosso cotidiano, transformando-o, facilitando as tarefas, mudando os hábitos, indicando mudança de padrão comportamental (Carvalho, 1987).

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova: a par das palavras que deixam de utilizadas (tornando-se arcaicas) são formadas uma grande quantidade de unidades léxicas pelos falantes de uma comunidade lingüística (Alves, 1994).

Existe um processo que recebe nomenclatura vária, cujo mecanismo utilizado recorre a mais de uma palavra em única estrutura para formar um item lexical pelo qual o falante comunica um sentido específico a seu interlocutor em sua comunidade lingüística: *combinação lexical*, *amálgama lexical*, *cruzamento vocabular* ou *palavra-valise* são variações terminológicas usadas para caracterizar o processo de formação de palavras (que consiste na junção de duas palavras), sendo a segunda usada para completar uma parte da primeira.

O referido processo não é motivo de atenção dos teóricos, possivelmente por sua aparente natureza idiossincrática (cf. Azeredo, 2002). Ressaltaremos nesta parte o que

encontramos nos trabalhos apresentados não só por Azeredo, mas também Bechara, Alves, Barbosa, Basílio, Carvalho, Pio e Sandmann dentre outros teóricos.

Azeredo (2002) chama amálgama lexical ao tipo de composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevista dois ou mais lexemas. Faz menção a Sandmann (1992) ao entender que o mesmo processo pode-se nomear como cruzamento vocabular. Considera o mecanismo próprio à função poética da linguagem com finalidade expressiva particular e circunstancial. Relacionando o amálgama aos discursos literários, humorístico-satírico e comercial publicitário. O autor apresenta vários exemplos da formação, dentre os quais destacamos:

- de natureza humorística criados por Millôr Fernandes
 velhacidade (velho + velocidade = pressa do ancião)
 repulgnante (pulga + repugnante = pulga nojenta)
 caligrafeia (caligrafia + feia = letra ruim)
 anãofabeto (anão + analfabeto = criança que não sabe assinar o nome)

- de natureza literária criados por Guimarães Rosa
 funebrilho (fúnebre + brilho = enfeite de caixão)
 copoanheiros (copo + companheiro = companheiro de copo)
 embriagatinhava (embriagado + engatinhar = caminhar embriagado)

- da linguagem comercial
 Nescau (Nestlé + cacau = chocolate em pó da marca Nestlé)
 chocolícia (chocolate + delícia = marca de biscoito de chocolate)
 showmício (show + comício = campanha eleitoral em espaço público,
 a qual oferece um espetáculo musical à platéia)

Azeredo (*op.cit.*) afirma que a competência léxico-gramatical refere-se ao conhecimento dos saberes fonológico, morfológico, sintático. Consideramos bastante

esta contribuição para prosseguirmos com a análise que decidimos fazer, a qual se justifica pela Base Teórica que apresentamos.

Bechara (1999) chama combinação o caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação da parte de cada um dos dois termos que entram na formação. Apresenta pouquíssimas formações como exemplo, destacando as palavras *portunhol* (português + espanhol), *sofressor* (sofredor + professor) e *aborrescente* (aborrecer + adolescente). O autor considera que o fim formativo do mecanismo é a linguagem jocosa.

Baseamo-nos na pressuposição de que as combinações lexicais ficam à margem por não serem consideradas por alguns teóricos (cf. os gramáticos mencionados na pesquisa) um processo tão produtivo quanto a derivação e a composição. Discutiremos neste subitem do trabalho as considerações acerca da produtividade e da produção, considerando o *corpus* que elegemos para analisar.

A distinção entre condições de produtividade e condições de produção – as quais serão esclarecidas abaixo - é extremamente relevante para considerarmos que a combinação lexical pode ser analisada com a mesma cientificidade com que tratamos a derivação e a composição, pois objetivamos utilizá-la para um ensino de morfologia mais atraente.

Sabe-se que a análise morfológica é feita a partir de seu arcabouço teórico. Não podemos considerar a formação de uma nova palavra tomando como base apenas nas formações institucionalizadas (mesmo que estas sejam um referencial), seria ignorar a realidade de que a língua evolui: devemos analisar uma nova formação segundo o mecanismo daquele processo. Já apresentamos considerações que revelam fatores de Bloqueios e Restrições para formações perfeitas estruturalmente.

As condições de produtividade dizem respeito aos fatores internos que atuam na formação de uma nova palavra, como a categoria lexical da base e a possibilidade de função sintática (Rocha, 2003). As condições de produção levam em conta fatores externos que proporcionam o uso de um determinado processo de formação de palavras.

Estabelecida a esfera de competência lexical no conceito de produtividade, este conceito deve ser entendido somente como medida do potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadas para produzir construções morfológicamente possíveis.

Sabe-se que as condições de produtividade de uma regra devem-se distinguir das condições de produção, pois estas dependem de fatores paradigmático, pragmático, discursivo...

A produtividade de uma regra de formação de palavras (RFP) é a capacidade que essa regra tem de formar novas palavras no léxico. Um processo poderá ser improdutivo se tiver sua aplicação restrita a determinado tipo de base e não gerar novas formas. O potencial de uma RFP não se limita apenas às construções morfológicas dicionarizadas. A regra poderá ser produtiva quando um processo está disponível para aplicação, mesmo que sejam poucas as formas atestadas. A produtividade não se deve deter à contagem de itens lexicais, os quais estão mais relacionados à produção (Rocha, *op. cit.*).

Podemos dizer que no âmbito da produtividade são três as funções operantes (das quais tratamos no próximo tópico): a) rotulação – cujo objetivo é caracterizar novos seres, eventos e estados em nossa cultura; b) avaliação – expressa a opinião do falante acerca de seu referente; c) categorial – utilizada para inserir a palavra em uma classe gramatical.

Não devemos ter em mente os chamados ‘graus de produtividade’ ao se falar em produção, as implicações desta independem do nível de competência lingüística que o falante demonstra ao formar uma palavra. Uma regra de formação de palavras será acionada pelos seus falantes naturalmente pelo simples fato de ser produtiva. As condições de produção são aquelas que motivam processos de formação de palavras. Temos de atentar para os seguintes fatores segundo Basílio (2003): tanto há condições lexicais paradigmáticas determinadas pela existência de regras de competição; quanto existem as condições determinadas pelos parâmetros naturalmente; como temos o tipo de discurso utilizado, que permitirá ou estimulará certos tipos de formação enquanto enfraquecendo ou mesmo interditando outros; as condições pragmáticas ou culturais, que criam referentes a serem rotulados, e as condições de enunciação.

Deve-se levar em conta que determinados processos podem ser mais freqüentes na fala; e outros, na escrita. Consideremos também o grau de envolvimento entre *os atores sociais* e o contexto no qual se encontram inseridos (Charaudeau & Maingueneau, 2006). O tipo de discurso utilizado também poderá influenciar no

momento da construção de uma palavra nova. A língua escrita pode exigir elaboração prévia e formal em à liberdade que a língua falada tem desse rigor, portanto, será possível encontrar mais construções amálgamas na oralidade que na escrita (o que não impossibilita a utilização daquilo que se fala na escrita). Essas condições de produtividade e de produção tornam-se relevantes na análise do cruzamento vocabular.

2.2 Combinação lexical e outros processos

Os poucos autores que comentam a existência do cruzamento vocabular na nossa língua, tratam-no mais como uma produção neológica que um processo produtivo para análise morfológica. Encontra-se também a designação contaminação para o referido fenômeno, cujo trabalho se propõe mais a catalogar exemplos que proceder a uma análise léxico-gramatical. Encontra-se definição do que seja cruzamento vocabular da seguinte maneira (Alves, 1994): “Por meio do processo denominado palavra-valise, em que também se manifesta um tipo de redução, duas bases – ou apenas uma delas - são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial”.

O cruzamento vocabular para Sandmann (1997) é uma composição, porque seus elementos formadores, ou ao menos um, sofre perda de corpo fônico, podendo ser copulativo ou determinativo. Encontramos na obra de Ieda Alves (1994) também referência ao caráter copulativo ou determinativo da combinação lexical. .

Não encontramos em ambas as obras menção à situação comunicativa de uso em que são utilizadas as formações amálgamas nem por que são formadas ou para que são formadas. Interessa-nos saber que fatores motivam o cruzamento vocabular como um processo. Fazemo-nos as seguintes indagações:

- 1) o cruzamento vocabular constitui um processo produtivo como a composição e a derivação?
- 2) qual a relação entre produtividade e produção do cruzamento vocabular?

O tipo de texto parece ser fundamental para que se forme o cruzamento vocabular. O processo por sua natureza mais oral não costuma figurar em todas as

seções dos jornais. É mais freqüente nas crônicas, seções culinárias dos jornais ou de suas revistas, artigos e crônicas esportivas, talvez pelo seu menor grau de formalidade.

Parecendo ser um processo típico da oralidade, o cruzamento vocabular está sujeito ao contexto em que se inserem os atores discursivos, já que fatores como o grau de formalidade, o grau de envolvimento entre os *actantes* (Charaudeau & Maingueneau, *op. cit*) e o assunto que os envolve contribuem na emergência de formas truncadas. Formações como pescotapa (pescoço + tapa = tapa no pescoço) e batatalhau (batata + bacalhau = bolinho de que tem mais batata que bacalhau) não costumam ser usadas em contextos formais.

Um professor que ministre um curso de morfologia pode-se propor a analisar o cruzamento vocabular somente com a finalidade de explicitar os elementos mórficos constituintes das palavras ou aproveitar as mesmas para ampliar a competência lingüística de seus alunos, verificando em que contextos os cruzamentos vocabulares são utilizados. O professor poderá preparar seu plano de curso, o qual deve contemplar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola em que leciona, visando a uma discussão morfológica com fim meramente gramatical ou transformar sua aula num momento agradável para si mesmo e para seus alunos, combinando a exposição do conteúdo lingüístico com o uso comunicativo.

Torna-se perceptível que a palavra-valise (conjuga duas bases para formar um outro produto) serve para contribuir com a competência lingüística do aluno (ampliando sua competência lingüística) por conjugar dois aspectos: gramatical e extragramatical. Aquele é rígido por ser orientado por regras das quais os docentes costumam se servir para decompor uma palavra em elementos mórficos; este está mais relacionado ao sentido que o cruzamento vocabular apresenta: sentido que só pode ser entendido pelos falantes da língua em que a palavra foi formada.

As combinações lexicais nomeiam produtos, pessoas ou situações segundo o conhecimento que o falante nativo possui de sua língua (cf. *macarronese* = macarrão + maionese). Nota-se que muitos dos cruzamentos vocabulares exprimem a opinião do falante em relação ao seu referente (cf. *Burrichello* = burro + Barrichello): referindo-se ao desempenho do piloto de corrida Rubinho Barrichello. É interessante para docentes e discentes discutirem o sentido da combinação lexical que se encontra no texto que estão

lendo, confrontando com o sentido das combinações lexicais que os alunos conheçam / utilizem, tais quais: *batatalhau, bótimo, camaronese, cantriz, carnatal, chokolícia, crilouro, forrogode, mãedrastra, pão, portunhol, frambúrguer, franfilé, lambaeróbica, macarronese, pescotapa, portunhol, Rodovans, sacolé, toboágua, vagaranha, analfaburro, chafé, futsal, futevôlei, chocomenta, moranguva, lambafunk, bobageira, paitrão, paitrocínio, balavilhosa, aborrescente alcoolância, apartamento, burrocracia, chevelho, showmício, matel, namorido, analfaburro, gatosa....*

Parece haver uma distinção entre a palavra-valise e os outros processos de formação, os quais mantêm alguma semelhança com a combinação lexical, caracterizados pela fusão de duas bases lexicais.

Existem dois processos de formação de palavras destacados para descrição gramatical nas aulas de morfologia: derivação e composição. A derivação não ocupará um espaço protagonista em nossa pesquisa por sua dessemelhança com a combinação lexical. Os processos que mais se aproximam do cruzamento vocabular são composição, analogia e recomposição, os quais confrontamos com a palavra-valise, pois todos se fundem em duas bases para formar uma unidade morfológica na língua portuguesa.

2.3 Formações compostas

Procuramos descrever as principais semelhanças e diferenças entre cruzamento vocabular e composição, mostrando que o dado distintivo mais relevante entre esses processos é de natureza fonológica. Observa-se que, na composição por aglutinação, toda a perda de material fônico - metaplasmos como crase, elisão ou haplologia - pode ser recuperada a partir de processos fonológicos; no entanto, o cruzamento vocabular não recupera partes perdidas pela junção das bases.

A analogia será confrontada com a combinação lexical por caracterizar uma reanálise intencional de uma das partes da palavra, o que leva à mescla de duas bases.

Não observamos reinterpretação de estrutura morfológica, pois o sentido de cada base é preservado por completo.

Entendemos que a recomposição difere da composição por acarretar perdas significativas de uma das partes. A recomposição obedece a duas etapas de formação: a braquissemia ou truncamento (cf. Monteiro, 2002) e a composição.

Buscamos depreender essas semelhanças e dessemelhanças mesmo que nosso objeto de estudo ainda seja timidamente discutido pelo que percebemos, já que poucos teóricos investigaram sistematicamente o processo de combinar duas bases para ter uma palavra e o confrontaram com outros processos.

Sandmann (1989) inclui o cruzamento vocabular entre os *tipos especiais de formação de palavras*, como a abreviação, a formação analógica e a reduplicação: uma nomeação apropriada às formações não descritas pelas gramáticas tradicionais, também chamados de “processos marginais” (cf. Monteiro, 1987) e de “difícil sistematização” (Alves, 1994).

Sandmann (1997) considera o cruzamento um tipo de composição, distinguindo-se desta por apresentar perda de material fônico. A composição não perde material fônico substancialmente na descrição de Sandmann, pois qualquer constituinte pode ser recuperado desfazendo-se a crase (cf. planalto = plano + alto) tal qual ocorre com pernalta, passatempo... O autor aponta a semelhança entre composição e combinação lexical, considerando esta um caso típico de composição. Percebemos que o teórico assemelha as características da composição e da combinação lexicais, caracterizando-as em copulativas (ou coordenativas) e determinativas (ou subordinativas).

As considerações feitas por Sandmann (*op.cit.*) levam em conta que o cruzamento vocabular se forma respeitando a silabação da língua, por isso o autor considera o processo de combinar duas bases para formar uma palavra “manufatura de palavras”: pelo cuidado com que se forma o produto. O autor ressalta que a composição e a derivação são produções feitas em série: naquela, a formação ocorre pelo uso cristalizado de palavras justapostas; nesta, pelo acréscimo de afixos e itens lexicais.

Os amálgamas lexicais estão marcados por especificidade semântica, como observamos em formações como Hospitaú (seguro hospitalar do Itaú), Universitáxi (cooperativa de táxi que serve aos funcionários, alunos e freqüentadores da UERJ), Abolicar (agência de automóveis situada no bairro da Abolição).

Ieda Alves (1994) apresenta uma breve exposição a respeito da palavra-valise, considerando o processo um tipo de redução em que duas partes, ou apenas uma delas, sofre a perda segmental. A descrição não difere muito da que faz Sandmann (1997). As partes que se organizam para formar a combinação lexical são chamadas de bases. Os

exemplos apresentados pela autora fundem classes substantivas e adjetivas na formação da nova palavra: cantriz = cantora + atriz (S + S), showmício = show + comício (S + S), novelha = novela + velha (S + A).

O estudo de uma formação que reúna palavras de classes iguais ou distintas pode ser feito com finalidade morfogramatical, mas também serve para análise sintático-semântica, como tem sido feita a análise da composição nas aulas de morfologia. Precisamos descrever o modelo de análise prototípico da composição para podermos estabelecer as semelhanças e dessemelhanças com a combinação lexical.

A composição é o processo de formação de palavras que mais se assemelha ao amálgama lexical em nossa língua, por isso resolvemos contrapor o processo de justaposição e aglutinação à combinação lexical. A composição é o processo pelo qual se cria uma palavra pela reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto deles passe a formar um todo com significação nova (Lima, 2005).

Podemos tentar entender a aproximação estrutural entre cruzamento vocabular e composição pelos critérios inerentes a esta: flexão em número, derivação, formação de diminutivo e concordância. Vejamos o quadro, fazendo uma apreciação binária:

COMPOSTOS

Flexão de número	O morfema de plural é acrescido ao final do composto	O morfema de plural aparece mais de uma vez ou entre os constituintes
	rádio-amadores	boas-vidas, peixes-espada

DERIVAÇÃO

formação afixal	com sufixo	com prefixo
	puxa-saco	ex-primeiro ministro

	puxa-saquismo	
Formação	expressos como um	mantêm independência
diminutiva	item lexical	
guarda-roupinha)	(guarda-roupa /	couve-flor /
couve-florzinha)		

Decidimos explicitar a flexão dos compostos abaixo pelo critério apresentado habitualmente na gramática na parte destinada à análise sintática (cf. Ali, 1965). Observamos que o mecanismo de flexão de número entre as bases da composição é afim ao critério de concordância nominal. Os elementos da composição se ajustam em número por representarem um constituinte (cf. conceito de sintagma) ou se ajustam em número em relação a um dos constituintes da composição: razão por que o mecanismo de flexão de número da composição se assemelha às regras básicas e especiais de concordância nominal . Vejamos então:

CONCORDÂNCIA

CASO DE CONCORDÂNCIA
EXEMPLO

A concordância do composto adjetivo é feita da seguinte maneira: a última base da composição adjetiva concorda em gênero e o número com o substantivo que antecede à composição adjetiva : literatura greco-romana / literaturas greco-romanas

CASO DE CONCORDÂNCIA
EXEMPLO

a composição adjetiva surdo-mudo faz a concordância tanto em relação ao termo determinante da constituição sintagmática quanto pela flexão das bases da composição determinada: menino **surdo-mudo** / menina **surda-muda** / **meninos surdos-mudos** / **meninas surdas mudas**.

o

CASO DE CONCORDÂNCIA
EXEMPLOS

A concordância de uma composição substantiva pode ser feita de maneira análoga à composição adjetiva surdo-mudo: primeiro-ministro / primeiros-ministros/ presidente-ministro/presidentes-ministros

Pode-se resumir os quadros apresentados da seguinte maneira:

- 1- existem formações que apresentam apenas flexão do segundo elemento, o qual limita a idéia do primeiro (cf. rádio-amador e peixe-espada);
- 2- existem formações, cujos constituintes dos compostos obedecem às regras de flexões como classes dissociadas (cf. boa-vida) em que são flexionados os elementos constituinte boa (adjetivo) e vida (substantivo);
- 3- pode-se ampliar o léxico por afixação prefixal (cf. ex-primeiro-ministro) e sufixal (cf. puxa-saquismo)
- 4- a composição surdo-mudo (e sua flexão de gênero) representa uma paráfrase da conjugação de deficiências distintas compostas por uma formação; podendo-se,

por isso, flexionar ambos os elementos: elas são surdas e mudas, corresponde a elas são surdas-mudas;

- 5- a composição que integra o sintagma literatura greco-romana obedece à regra de concordância em que o último elemento da composição do termo determinado concorda com o termo determinante, inferindo-se também uma paráfrase: a literatura romana de origem grega (greco), corresponde à literatura greco-romana;
- 6- a composição presidente-ministro segue procedimento afim ao do composto surdo-mudo, podendo-se considerar que o ser nomeado acumula as duas atribuições: ele é presidente e ministro, ele é presidente que ministra, ele é presidente-ministro.

Consideramos que as palavras analisadas acima (*surdo-mudo*, *greco-romano*, *presidente-ministro*) correspondem de fato a uma composição; outras, parecem formas simples sincronicamente, pelo nível que atingiram de expressões idiomáticas, formas cristalizadas (cf: *baba-ovo*, *dedo-duro*, *puxa-saco*).

Sandmann (1997) classifica os compostos quanto ao conteúdo, pela propriedade de nomearem seres que reúnam em si rótulos menores ou mais específicos simultaneamente, como *cantor-compositor*, *copeiro-faxineiro*... Essas formações não estabelecem entre os elementos constituintes uma relação de determinante-determinado, pois ambos os itens lexicais componentes da formação são núcleos: entende-se a natureza dessas composições como copulativas ou coordenativas.

Observa-se que na composição *meia-calça* não existe igualdade de condições entre os componentes da constituição formativa mesmo que a palavra seja formada por dois substantivos. Há entre as palavras uma relação de subordinação; tratando-se, portanto, de uma composição determinativa, cujo núcleo da composição se encontra à esquerda.

A teoria descrita por Ieda Alves (1994) apresenta tanto a derivação quanto a composição servindo para a expansão lexical, sendo ambos os processos provenientes da própria língua, da mesma sorte que cruzamentos vocabulares como *portunhol*. A autora fundamenta sua análise na produtividade existente em alguns substantivos que

ocupam a segunda posição nos compostos por justaposição, palavras como *chave e base: palavras-chave, elementos-base* etc.

A diferença apresentada pela descrição de Margarida Basílio (1987) entre composição e derivação consiste na falta de elementos fixos com funções predeterminadas na primeira, em que o papel de cada base se define pela estrutura e pelo significado. Os afixos apresentam função predeterminada e as bases funcionam habitualmente como modificadores na derivação.

Basílio (*op.cit*) considera que na composição estruturada por dois substantivos, o primeiro constituinte funciona como núcleo e pode ser caracterizado pelo distanciamento entre seu significado global e o significado de seus componentes, uma vez que se marca uma função denominadora. Existe um critério de nomeação nos compostos por justaposição: alguns compostos descrevem características por inferência (cf. *porta-jóias*); outros nomeiam por metáfora (cf. *peixe-espada*).

Parece existir perda semântica nas formações justapostas e aglutinadas, o que insinua a razão dos compostos se cristalizarem. Pode-se considerar que justaposição e aglutinação consistam em diferentes tipos de lexicalização: a justaposição conserva o valor acentual dos itens lexicais combinados; a aglutinação viabiliza a formação com um valor acentual. Observa-se a lexicalização semântica dos compostos justapostos; os compostos aglutinados sofrem não só alteração semântica quanto estrutural: a estrutura fonológica de uma das bases é modificada.

Tendo esgotado as possibilidades de análise da composição – mesmo que momentaneamente - vejamos agora de que maneira os critérios utilizados para análise dos compostos se aplica aos cruzamentos vocabulares. Utilizamos no quadro acima os critérios flexivo, derivacional, de formação diminutiva e de concordância.

A marca sufixal de plural –s é acrescida final da palavra tanto de alguns compostos quanto nos cruzamentos vocabulares:

- rádio-táxi / rádio-táxis (composição justaposta)
- apartamento (aperto (-ado) + apartamento) / apartamentos
- aborrescente (aborrecer + adolescente) / aborrescentes
- bótimo (bom + ótimo) / bótimos

- crilouro (crioulo + louro) / crilouros
- pão (pai + mãe) / pães
- bobageira (bobagem + besteira) / bobageiras
- paitrocínio (pai + patrocínio) / paitrocínios
- futevôlei (futebol + vôlei) / futevôleis
- chafé (chá + café) / chafés
- pedragogia (pedagogia de pedra) / pedragogias
- politicossauro (político + dinossauro) / politicossauros
- lambafunf (lambada + funf) / lambafunks
- caipifruta (caipirinha + fruta) / caipifrutas
- forrogode (fórró + pagode) / forrogodes
- ladruf (ladrão + Maluf) / ladrufs
- chevelho (Chevett + velho) / chevelhos

Nota-se que os cruzamentos vocabulares podem formar palavras por derivação tais quais os compostos:

- passa-fita / passa-fiteiro
- forrogode / forrogodeiro
- caipifruta / caipifriteiro
- lambafunk / lambafunkeiro
- paitrocínio / paitrocinador
- futevôlei / futevoleiro
- ladruf / ladrufismo

As combinações lexicais fazem formação diminutiva no fim da palavra, como é comum nas formações composta:

- guarda-roupa / guarda-roup**inha**
- caipifruta / caipifrut**inha**
- aborrescente / aborrescentez**inho**
- apartamento / apartament**inho**
- batatalhau / batatalhau**zinho**
- futvôlei / futvôleiz**inho**
- chevelho / chevelh**inho**
- crilouro / crilour**inho**

Não ocorre concordância de gênero e número entre as palavras constituintes dos amálgamas lexicais como costuma acontecer nas formações por composição. Percebe-se que o gênero da combinação lexical é determinado pelo constituinte nuclear da formação.

Observemos:

- **o** descendente afro-brasileiro
- **a** macarronese
- (o macarrão + **a** maionese)
- **a** camaronese
- (o camarão + **a** maionese)
- **o** batatalhau
- (a batata + **o** bacalhau)
- a boilarina
- (o boi + **a** bailarina)
- a burrocracia
- (o burro + **a** burocracia)
- **o** lambafunk
- (a lambada + **o** funk)

Podemos perceber a relação que os cruzamentos vocabulares apresentam com a composição - resguardas suas dessemelhanças - apresentando-se mais como objetos morfológicos que como grupos sintáticos paralelos, por diferirem das operações de concordância sintagmáticas em parte: não fazendo a flexão de número por operações sintáticas entre os constituintes das formações. Vejamos:

COMPOSIÇÃO

*espaçosnaves

*autospeças

*planosaltos

*águasardentes

*emboashoras

*filhosdealgos

CRUZAMENTO VOCABULAR

*chafés

*políticossauros

*futesvôleis

*forrosgrades

*batataslhaus

*boislarinas

Obs. O asterisco indica formas hipotéticas.

Além dos critérios de análise que apresentamos, Sandmann (1997) considera que os compostos podem ser classificados a partir de perspectivas metafórica, metonímica, endocêntrica e exocêntrica. Os compostos são determinados pela interpretação figurada que motivou a denominação de um novo referente para serem metafóricos ou metonímicos. O caráter endocêntrico ou exocêntrico é analisado pelo todo ou por uma das partes (o determinante) da composição.

Verifica-se a relação metafórica que o composto pode expressar quando há transferência de significado baseada na semelhança entre dois ou mais referentes, pelas palavras de Sandmann (1992): “O fundamento de se aplicar o significante de um signo lingüístico a outro referente repousa na semelhança entre os referentes, dizemos que temos uma metáfora”.

Constata-se a metonímia quando a transferência ocorre por contigüidade física, segundo Sandmann (*op.cit*): “Quando o significante de um signo lingüístico passa a ser aplicado a outro referente do nosso universo com fundamento na contigüidade ou na coocorrência espaço-temporal dos referentes, dizemos que temos a metonímia”.

COMPOSTOS METAFÓRICOS

pé-de-moleque

peito-de-moça

COMPOSTOS METONÍMICOS

dedo-duro

bóia-fria

Sandmann subdivide os compostos metafóricos em *endocêntricos* e *exocêntricos* no trabalho citado acima. O composto será endocêntrico quando o seu núcleo metafórico fizer menção literal ao objeto em questão, cujo significado parte de dentro da própria palavra: tubarão-martelo. O composto será exocêntrico quando toda a seqüência for empregada figuradamente e não existir indícios para a compreensão de seu significado dentro da palavra composta: viúva-negra (tipo de aranha). Entender um composto exocêntrico requer iniciação não-literal, cujo sentido da palavra independe do compósito núcleo-adjunto, como acontece nos metonímicos: mão-fechada.

ENDOCÊNTRICOS

peixe-agulha

promoção-relâmpago

pedra-sabão

EXOCÊNTRICOS

beija-flor

viúva-negra

copo-de-leite

Percebemos que as palavras cruzadas também podem ser interpretadas por um conhecimento de mundo do falante (cf. Bechara, 1999), como ocorre nas palavras *pãe* e *boilarina*. O primeiro exemplo se refere a um pai que cuida sozinho de sua prole, isto é, acumula os papéis de pai e mãe; o segundo, imprime um juízo de valor (Bechara, *op.cit.*) em relação a uma mulher que está acima do peso atuar como bailarina. Não temos em ambos os casos uma interpretação do cruzamento vocabular por seu sentido literal, já que uma criança só pode ser concebida pela contribuição do que é inerente a

um homem e a uma mulher no primeiro caso; no segundo, não há um animal de grande porte (boi) com habilidade para dança.

Os cruzamentos vocabulares tais quais os compostos podem ser metafóricos, metonímicos, endocêntricos e exocêntricos. As construções endocêntricas apresentam significação iniciada na própria palavra e só haverá entendimento de um dos termos pelo conhecimento de mundo de alguns falantes. Amálgamas lexicais como *carnatal*, *chocolícia*, *mãedrasta*, *chafé* só podem ter seus sentidos partilhados pelos falantes da mesma comunidade lingüística. Para outros seria difícil interpretar *carnatal* como a época mais próxima do natal (o mês de dezembro) em que já está funcionando o terreirão do samba e os desfiles técnicos na Marquês de Sapucaí; não entenderiam que *chocolícia* é biscoito; que *chafé* não é mistura de chá com café, mas um café tão fraco que fica da cor do chá; que *mãedrasta* é uma madrasta boa como uma mãe; que *batatalhau* é um bolinho que leva mais batata que bacalhau; que *alcoolância* é o veículo que conduz pessoas alcoolizadas.

Vejam os:

CRUZAMENTOS

METAFÓRICO ENDOCÊNTRICO

boilarina
carnatal
chafé

METONÍMICO EXOCÊNTRICO

chocolícia
batatalhau
alcoolância

Constata-se que as construções exocêntricas compostas ou amálgamas não apresentam significação iniciada na própria palavra; entretanto o cruzamento vocabular parece ter natureza léxico-gramatical - predominando o sentido literal, ao passo que na composição prevalece o sentido figurado. Percebida essa relação, passamos a tratar da distinção morfofonológica das referidas formações.

2.4 Combinação lexical e composição

Observamos que combinação lexical e palavras compostas e palavras cruzadas apresentam distinção quanto à visibilidade para operações sintáticas de concordância, a qual se pode perceber pela análise que fizemos quanto à flexão no interior ou no final da

palavra, a fim de entendermos a formação como um objeto morfológico ou um grupo sintático. Verificamos que a combinação lexical não admite concordância de gênero ou de número entre seus elementos constituintes, trazendo opacidade à operação sintática. Podemos afirmar que os cruzamentos vocabulares apresentam uma única marca morfológica, isto é, recebem morfema flexional apenas no final da palavra. Tornamos didática nossa convicção lembrando que as palavras *novelha* (novela reprisada) forma plural com acréscimo de *-s* ao final da palavra (novelhas) e não-flexionando os elementos constituintes da palavra (*nosvelhas). O mesmo podemos relembrar quanto à flexão de gênero, pois a palavra *gatoso* (gato idoso) passará para o feminino pospondo o morfema flexional no final da palavra (gatosa); não haverá uma intervenção intravocabular para a formação feminina (*gatasa). Lembremo-nos também da formação diminutiva, a qual ocorre pelo acréscimo sufixal ao cruzamento vocabular (chafez**inho**), sem acrescentar sufixos a ambos os constituintes da formação (*chaz**inho**fez**inho**).

A abordagem fonológica – relacionando composição e palavras cruzadas - nos leva a distinguir as formações tanto por ressaltar que uma formação equivalerá a uma palavra, contando um só acento tônico para a formação valor acentual quanto pela atuação de processos fonológicos. Classificamos as composições por justaposição e aglutinação, entendendo que as palavras *meia-calça*, *beija-flor* e *sem-vergonha* são compostos, cujas bases são itens lexicais isolados que não sofrem perda de matéria fônica: distribuem-se lado a lado. As composições aglutinativas *planalto* (plano alto), *embora* (em boa hora) e *pernalta* (perna alta) sofrem perda de matéria fônica, podendo-se confundir a aglutinação com a combinação lexical.

O valor acentual não estabelece distinção entre composto aglutinado e combinação lexical; ambas as formações apresentam um valor acentual: formam uma só palavra prosódica ou um vocábulo fonológico (cf. Câmara, 1980). A composição por justaposição preserva o acento primário de suas bases: não ocorre modificação no esquema acentual básico das palavras. A formação justaposta *copeiro-faxineiro* apresenta acento final (ou frasal) na palavra à direita, mantendo seu acento lexical na primeira base: passando a funcionar como índice de subtonicidade.

Os compostos aglutinados e as palavras cruzadas levam à formação de uma só palavra prosódica, acentuando o segundo elemento constituinte da formação: *planalto* (aglutinação), *toboágua* (palavra-valise).

Pode-se distinguir composição aglutinada de combinação lexical mesmo havendo semelhança quanto ao valor acentual, pela atenuação de processos fonológicos. Ambos os processos formativos são caracterizados pela supressão de segmentos de uma das bases ou das duas bases. A perda é recuperável com o desfazimento dos metaplasmos (crase, elisão, haplogia) na aglutinação; o que não ocorre com as palavras cruzadas, cuja redução das bases é irrecuperável: nenhum processo fonológico pode justificar a restauração do material fônico perdido.

Vejamos:

AGUARDENTE

água + ardente

(ponto de fusão = perda de um **a**)

ROUBAUTO

roubo + auto

(ponto de fusão = perda do **o**)

DEDURAR

dedo + duro + ar

(ponto de fusão = perda de **do** e **o**)

CARNATAL

carnaval + natal

(ponto de fusão = perda da seqüência **val**)

CHAFÉ

chá + café

(ponto de fusão = perda do **ca**)

Percebemos que a diferença entre cruzamento vocabular e composição é marcada fonologicamente: valor acentual na justaposição; processo fonológico na aglutinação.

Estabelecida a diferença entre combinação lexical e composição, aproveitamos a discussão fonológica para investigar a relação entre palavras cruzadas e analogia.

2.5 Combinação lexical e analogia

Percebe-se que tanto a combinação lexical quanto a analogia possuem um só acento lexical, mesclando duas bases para a formação de um todo morfológico. O que parece não coincidir nos processos é a questão estrutural e a finalidade de nomear pela utilização de mais de uma base como uma palavra.

Tem-se o cruzamento vocabular *chafé* a partir de *chá* e *café*, cujas bases se aproximam pelo núcleo significativo (bebida por infusão), resultando em uma palavra que significa (café muito fraco). A motivação de mesclagem das bases combinadas lexicalmente não está na estrutura de uma delas necessariamente, mas na necessidade de rotular um novo elemento.

O cruzamento vocabular *chafé* distingue-se das formações *Bomrício* (em oposição a Maurício); *boacumba* (em oposição à macumba); *boadrasta* (em oposição à madrasta); *bebemorar* (em oposição a comemorar) consideradas por nós formações analógicas (cf. Basílio, 2003) pela mistura de duas bases (antagônicas apenas para uma exteriorização emotiva do falante). Aquele que assim se expressa toma por base a pressuposição de antonímia não das palavras de livre curso na língua bom / mau; boa / má; comer / beber. O falante que tem esse comportamento lingüístico utiliza-se de recurso expressivo para opor itens lexicais. Sustentamos essa afirmação pelo fato de as palavras comer / beber não representarem antonímia fora da contextualização analisada.

A analogia é uma formação motivada por uma identidade formal apenas: o falante avalia a estrutura da base sinteticamente, interpretando-a como morfológicamente complexa.

As formações analógicas estão centradas em um único elemento distanciado do seu significado original com supressão de uma seqüência e acréscimo de uma outra base livre, consistindo na reconsideração feita pelo falante. A formação analógica não pressupõe duas palavras disponibilizadas pelo falante para formar uma outra palavra; verifica-se o recorte que o falante faz por uma das palavras e, a partir dessa parte, ele constrói uma outra palavra.

Observemos:

<p>CRUZAMENTO</p> <p>mãe + madrasta</p> <p>mãedrasta</p> <p>combinação das bases mãe e madrasta, resultando em uma só palavra morfológica.</p>	<p>ANALOGIA</p> <p>madrasta</p> <p>boa + madrasta</p> <p>boadrasta</p> <p>a base madrasta, originou semanticamente a outra base (boa), em oposição ao adjetivo má (base).</p>
--	--

Consideremos outros exemplos de formação analógica:

Processo de Formação Analógica

Princípio: uma base	Formação: duas bases	Resultado:
[ma]cumba macumba	análogia má x boa	boacumba
[come]morar comemorar	comer x beber	bebemorar
[bê]bado	bê x tre	trêbado

Encerramos esta parte da análise lembrando que, confrontando diferenças e semelhanças entre composição e combinação lexical, vimos que aquela é caracterizada pela fusão de duas bases tal qual o cruzamento vocabular; entretanto, devemos lembrar que existe um processo formativo em língua portuguesa que utiliza dupla composição: trata-se da recomposição. Neste sentido, referimo-nos a José Lemos Monteiro (2002): “Uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição”.

A recomposição pode ser exemplificada por palavras como:

- autódromo = auto[móvel] + dromo
- fotonovela = foto[grafia] + novela

Os exemplos acima mostram que as bases *auto* e *foto* são braquissemias, isto é, encurtamentos, truncamentos (Monteiro, 2002) dos compostos *automóvel* e *fotografia*. As bases foram utilizadas em lugar do composto inteiro para se unirem a uma outra palavra inteira ou parte de uma palavra, ou seja, a uma base livre ou presa, formando os recompostos *autódromo* e *fotonovela*. Muitas outras produções em série podem ser criadas a partir dessas contribuições, como nos exemplos abaixo:

- tele-pizza = tele[fone] + pizza
- tele-namoro
- tele-amizade
- tele-sexo
- tele-flores
- tele-gás
- tele-água

A combinação lexical *democradura*; por exemplo, não deve, portanto, ser confundida com a recomposição, visto que a soma das partes acontece propositadamente, e as bases não estão ali por acaso: não podendo ocorrer uma produção em série como vimos com a base *tele* (a qual foi substituída em nossa língua por uma forma supostamente estrangeira *disk*¹): *disk-pizza*, *disk-namoro*... Não é possível dizer que *-dura* possa se unir a outras bases e formar várias outras produções, como **casadura* (casa onde há ditadura) e **coléiodura* (colégio regido pela ditadura).

Observa-se a distinção entre palavras cruzadas e recomposição pela estrutura formal das palavras - o elemento constituinte à esquerda assume função prefixal na

¹ As formas inglesas *disc* ou *disk* correspondem à forma portuguesa *disco*. Por isso falou-se de forma supostamente estrangeira como base para a formação de palavras como *disk-pizza*, *disk-namoro* e etc. Isso porque nessas formações o significado pretendido é de *disque* (f.v. de *discar*) que se refere ao ato de telefonar. Verifica-se uma analogia meramente fonológica entre *disk* e *disque*.

recomposição - possibilitando a produção em série: característica da derivação (cf. quadro abaixo):

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Recomposição	Combinação Lexical	Derivação
Produção em série	Produção limitada	Produção em série
tele-pizza	colégio[dura]	ex-ministro
tele-namoro	casa[dura]	ex-governador
tele-amizade	-----	ex-prefeito
tele-sexo	-----	ex-funcionário
tele-flores	-----	ex-patrão
tele-mensagem	-----	ex-namorado
tele-gás	-----	ex-escola
tele-água	-----	ex-colega

A produção em série é resultado da alta produtividade que, a exemplo do que ocorre em *tele* e *auto*, passam a funcionar como prefixos. A recomposição pode ser caracterizada como processo de formação de palavra que atua nos limites entre derivação e composição.

2.6 Combinação lexical e recomposição

Entendemos que nem sempre os limites entre amálgama lexical e recomposição estejam bem delimitados. Podemos ter problemas para identificar a base presa (radical) da porção de uma das bases. A combinação lexical *Rodovans*, por exemplo, denomina o transporte coletivo feito em vans na Rodoviária Novo-Rio. *Rodovan* pode ser interpretada como van da rodoviária; no entanto, a porção da palavra utilizada

rodoviária (rodo) é um radical preso, isolável pelo confronto entre rodovia, ciclovía, ferrovia, metrovia etc. Também existe a questão da produção em série; já que as palavras cruzadas podem ser formadas a partir de uma seqüência constante como *caipi*, a qual pode ser utilizada como base para formação de qualquer tipo de bebida alcoólica envolvendo outra fruta que não seja o limão (cf. *caipilima e caipifruta*) ou outra bebida que não seja a cachaça (cf. *caipivodka*).

Passamos agora a uma outra parte da pesquisa na qual analisamos a combinação lexical focalizando suas principais funções, sua estrutura interna, seu elemento constituinte nuclear, procurando abranger o mais possível este processo formativo.

3. ESTUDO APLICADO

3.1 Combinação lexical: função e constituição

Constatar que a constituição do nosso *corpus* é eminentemente neológica despertou-nos o interesse. Tratamos então das funções inerentes à formação de novas palavras e às palavras cruzadas. Percebe-se que o falante é potencialmente formador de novas palavras porque precisa, muitas vezes, satisfazer (mesmo sem saber) uma necessidade lingüística para uma determinada situação e, por isso, novas palavras são formadas a todo momento. Podemos chamar essas novas formações de ‘criações esporádicas’ por não estarem dicionarizadas (cf. Rocha, 2003). A institucionalização de uma nova formação depende do prestígio de quem a criou, do poder da mídia, do melhor uso da palavra e das exigências históricas, culturais e pragmáticas.

A formação de novas palavras apresenta três funções essenciais de acordo com Basílio (1987), Rocha (ano) Sandmann (1997):

- 1) rotulação;
- 2) avaliação;
- 3) categorial.

A função de mudança categorial ocorre quando a classe gramatical do produto (nova palavra formada) é diferente da classe gramatical da base (palavra que originou a nova formação). O caso mais freqüente de mudança categorial é a nominalização de verbos em nome (cf. ostentar + teta = *ostetação* / ostentar + coxa = *oscoxação* / ostentar + bunda = *osbundação*).

A função de denominação – ou rotulação – citada por Basílio (ano) e Rocha (ano) está relacionada à necessidade de o falante nomear às coisas (cf. malufar / ladrufar; sambódromo, fumódromo, camelódeomo, celularódromo etc).

Nossos alunos demonstraram utilizar a função de rotulação pelos cruzamentos vocabulares que apresentamos a seguir:

- alcoolância (álcool + ambulância) = veículo utilizados para transportar bêbados;

- caipifruta (caipirinha + fruta) = bebida feita com outra fruta que não o limão, utilizando outra bebida alcoólica que não a cachaça (sidra preferencialmente);
- pescotapa (tapa + pescoço) = tapa dado ou recebido no pescoço;
- macarronese (macarrão + maionese) = salada feita com macarrão acrescida de molho de maionese;
- crilouro (crioulo + louro) = pessoa de etnia negra que pinta o cabelo de louro;
- novelha (novelha + velha) = novelas reprisadas pelas emissoras de televisão;
- matel (mato + motel) = utilização de espaço público para prática sexual;
- irnimigas (irmãs + inimigas) = irmãs que não se entendem;
- paiirão (pai + patrão) referindo-se ao pai que emprega os filhos;
- namorido (namorado + marido) referindo-se à pessoa com quem se mantém uma relação que excede o limite do namoro, relação apropriada para se ter com um marido.

A função de avaliação representa a atitude subjetiva que o falante expressa pela palavra que forma para comunicar seu sentimento em relação a alguém, a algo, a uma situação... (cf. *chevelho* = Chevette velho).

A função de avaliação, no âmbito da derivação, está bastante relacionada à escolha dos sufixos, como o uso do diminutivo (cf. *filhinho* = afeto, *gentalha* = pejorativo).

Ressaltamos que algumas dessas funções podem estar estreitamente relacionadas. As formações *aborrescentice*, *ladrufinho*, *chevelhaço* tanto revelam um caráter avaliativo quanto nomeiam ação tomada por um ser, uma pessoa, um objeto. A partir das combinações lexicais nomeadoras *aborrescente*, *ladruf* e *chevelho* foram acrescentados os sufixos *-ice* (de valor eminentemente depreciativo) , *-inh* (denotando pejoração no exemplo retirado do fragmento do texto em anexo) e *-aço* (indicativo de grandeza aumentativa).

Não perceberemos a função predominante sempre pela utilização da palavra apenas, uma formação como *cantriz* pode significar apenas uma artista com talento para ser cantora e atriz (denominação) ou alguém que desempenha lamentavelmente uma das atividades (avaliação). Não será possível dissociar as funções de denominação e avaliação das palavras cruzadas: *bótimo* (bom + ótimo); *chocolícia* (biscoito de chocolate que é uma delícia); *apartamento*; *Burrichello*; *democradura*; *burrocracia*; *pedragogia*; *aborrescente*; *chafé*...

Nossos alunos demonstraram conhecimento sobre o aspecto avaliativo das palavras pela utilização e/ou conhecimento dos cruzamentos abaixo:

- aborrescente (aborrecer + adolescente) = a fase da adolescência é a que os filhos mais causam aborrecimentos aos pais;
- apartamento (aperto(-ado) + apartamento) = construção com pouco espaço, considerando as medidas padronizadas;
- burrocracia (burro (-ice) + burocracia) = procedimento inflexivo, demonstrando falta de racionalidade, de quem o pratica e/ou impõe;
- analfaburro (analfabeto + burro) = quem extrapola o limite de parco, não demonstra qualquer tipo de entendimento sobre o que se está falando;
- gatosa (gata + idosa) = mulher que não é tão jovem, mas que continua sedutora;
- bradescravo (Bradesco + escravo) = funcionário que trabalha intensamente, sem direito à folga ou privilégios enquanto não alcança a meta estabelecida pelo banco.
- bótimo (bom + ótimo = acima da média, melhor do que se espera);
- mãedrastra (mãe + madrastra = aquela que é tão boa quanto a mãe, não se enquadrando no estereótipo de uma madrastra);
- batatalhau (batata + bacalhau = bolinho que levou muito mais batata que bacalhau, bolinho no qual o gosto do bacalhau passa longe);
- chafé (chá + café = café tão fraco, que mais parece um chá);

- *sofressor* (*sofredor(-mento)* + *professor*) = referindo-se ao trabalho árduo, intenso a que se tem submetido um docente para viver com dignidade.

Percebe-se na função avaliativa um carácter indexical (Gonçalves, 1998), isto é, a função avaliativa nos permite detectar o tipo de falante que forma o cruzamento vocabular. Algumas combinações lexicais são tipicamente utilizadas pelo falante x ou y. As construções com sufixo diminutivo estão mais relacionadas à fala feminina; as construções com sufixo aumentativo, à fala masculina... (cf. *chevelhinho*, *crilouraço*).

Que fatores levam o falante potencialmente atento à necessidade de expressar seu conhecimento acerca de algo a combinar duas palavras para formar uma, a qual nomeie especificamente aquilo que deseja comunicar a seu interlocutor em sua comunidade lingüística? Parece que as motivações que levam ao cruzamento vocabular em nossa língua não são tão diferentes das palavras compostas.

O cruzamento vocabular imprime o ponto de vista do falante autóctone acerca de uma pessoa, um objeto, uma situação de que tem conhecimento (cf. *tristemunho*). Tem-se a avaliação do cronista Veríssimo sobre o testemunho do empresário Marcos Valério à CPI do Mensalão. O cruzamento vocabular *tristemunho* relaciona as funções de denominação e avaliação: nomeia um fato ocorrido em uma CPI e considera o episódio lamentável. Depreendemos o sentido da palavra como *penoso*, *custoso*, *lamentável* remetido por uma das bases da combinação (*triste*). Não é difícil concordar com Veríssimo ao lembrar o depoimento de Marcos Valério: chorou o tempo inteiro, confessou-se arrependido, mostrou-se envergonhado perante a família... O mesmo acontece com o nome do biscoito *chocolícia*, em que já está marcada a avaliação do fabricante na denominação do produto.

Já a o cruzamento vocabular *Burrichello* encontrado na crônica de Xexéo, parece apenas avaliar a total falta de destreza do piloto de fórmula 1, Rubens Barrichello, que, a despeito de estar na melhor equipe - a Ferrari - não consegue presentear o público brasileiro com sua vitória.

Os cruzamentos vocabulares, além das funções apresentadas, nomeiam, qualificam, exprimem ação.

Vejamos as classes gramaticais dos cruzamentos abaixo:

- Luxemburro (Luxemburgo / substantivo + burro / substantivo = nomeação)

(indica a substância pelo sobrenome do ex-técnico da seleção, combinado ao nome de um animal);

- paitrão (pai / substantivo + patrão / substantivo = nomeação)

(indica a substância pela combinação de dois substantivos);

- namorido (namorado / substantivo + marido / marido = nomeação)

(indica a substância pela combinação de dois substantivos);

- apertamento (aperto / substantivo ou verbo, apertado / adjetivo ou verbo + apartamento = nomeação)

(indica a substância pela palavra apartamento, combinada a palavras que podem ser substantiva, adjetiva ou verbo);

- bótimo (bom / adjetivo + ótimo / adjetivo = atributo)

(qualifica o produto a que se refere pela combinação de dois adjetivos);

- caipivodka (caipirinha / substantivo + vodka / substantivo = nomeação)

(indica a substância pela combinação de dois substantivos);

- corruPTar (corrupto / substantivo ou adjetivo + PT / substantivo + desinência verbal = ação)

(exprime ação pela agregação de desinência verbal aos nomes);

- esquerdofrênico (esquerda / adjetivo + esquizofrênico / adjetivo = atributo)

(qualifica pessoa, coisa ou estado pela combinação de dois adjetivos);

- ladruf (ladrão / substantivo + Maluf / substantivo = nomeação)

(indica a substância pela combinação de dois substantivos);

- gatosa (gata / adjetivo + idosa / adjetivo = atributo)

(qualifica a pessoa a que se refere pela combinação de dois adjetivos).

Encerramos essa discussão ressaltando a constituição de algumas palavras cruzadas. Observando a interação de fatores morfofonológicos de algumas combinações lexicais, podemos propor uma regularidade estrutural para as palavras formadas a partir desse mecanismo se não o temos como idiossincrático ou arbitrário: um padrão por semelhança fônica e outro padrão sem semelhança fônica.

Percebe-se que o acento da segunda palavra é levado para a formação cruzada quando as duas bases apresentam alguma semelhança fônica. Essa porção em que se dá a fusão (que pode ser um segmento consonântico, uma sílaba ou uma seqüência sem status fonológico) é compartilhada pelas duas palavras, sendo possível separar a combinação lexical: uma vez que essa seqüência fônica pertence às duas bases.

Tomemos como exemplo a palavra *politicagem* (política + sacanagem). As duas formas apresentam a sílaba comum 'ca', a qual é o ponto de interseção do cruzamento das bases da nova palavra. A sílaba 'ca' não pode ser atribuída à primeira ou à segunda base em *politicagem*, mas a ambas as bases.

Vejamos:

- política + sacanagem
- politicagem = sílaba comum

Podemos analisar as combinações *sacolé* e *chevelho*, utilizando o mesmo critério. O cruzamento entre as bases acontece na sílaba comum que as mesmas apresentam: *saco* + *picolé* (sílabas comuns 'co'), *Chevette* + *velho* (sílabas comuns 've').

Vejamos:

- *saco* + *picolé*
- *sacolé* = sílaba comum
- *chevette* + *velho*
- *chevelho* = sílaba comum

As combinações *cantriz* e *rodovans* não apresentam uma sílaba comum; as palavras *cantora* e *atriz* compartilham a consoante / t /; e a consoante / v / é comum entre as palavras *rodoviária* e *vans*.

Vejamos:

- **cantora** + **atriz**
- **cantriz** = segmento consonântico comum
- **rodoviária** + **vans**
- **rodovans** = segmento consonântico comum

Percebe-se que a combinação das palavras acontece justamente na sua semelhança fônica. As palavras *macarronese* e *camaronese* foram formadas pela aproximação sonora entre / ão / e /on/. Observa-se que a seqüência ‘on’ da palavra *mai[on]esse* foi aproveitada pela semelhança fônica da terminação das palavras *macarr[ão]* e *camar[ão]* (cf. Cavaliere, 2005).

- **macarrão** + **maionese**
- **macarronese** = ponto de semelhança fônica
- **camarão** + **maionese**
- **camaronese** = ponto de semelhança fônica

O ditongo nasal / ão / corresponde à forma nasal / on / em um nível mais abstrato pela produtiva relação sonora entre palavras aproximadas por esse som: bom / b^{ão}; guidom / gui^{ão}... (cf. Simões, 2005). A nasal se desenvolve em fronteira morfológica, caracterizada como regra lexical cíclica, cujo desenvolvimento aparece em caso de flexão e derivação (cf. *garotão* / *garotona*; *espião* / *espionagem*; *talão* / *talonário*).

As bases que não apresentam semelhança fônica formam o cruzamento pela primeira ou pelas duas primeiras sílabas base à esquerda, acrescido de todo o material fônico da base à direita (incluindo sua sílaba tônica) ou somente a partir de sua sílaba tônica:

- caipi (cai – pi) rinha + **vodka** = caipivodka;
- pescos (pes-co) ço + **tapa** = pescotapa;

- cari (ca – ri) oca + **gaúcho** = cariúcho;
- portu (por – tu) guês + **espanhol** = portunhol.

Os cruzamentos como *meia-calça*, *beija-flor* e *sem-vergonha* são composição por justaposição, visto que as bases formativas da composição não sofrem perda de material fônico, são itens lexicais livres e têm seu valor acentual preservado. A composição por justaposição não é um processo afim ao cruzamento vocabular, por isso não suscita questionamentos quanto à sua afinidade formativa. Dedicamo-nos a verificar a distinção entre as combinações lexicais e a composição por aglutinação, cujo processo implica perda de material fônico.

Realizamos um estudo sobre o fenômeno de natureza léxico-gramatical, ressaltando seu caráter neológico e verificando sua interface com a intertextualidade. Considerando que nossa pesquisa possui um fim pedagógico, não analisaríamos um *corpus* como estratégia de ensino que fosse idiossincrático. Procuramos descrever a combinação interna da combinação lexical observando seu caráter endocêntrico ou exocêntrico.

Descrevemos o *corpus* selecionado a partir da leitura das crônicas dominicais do jornal *O Globo* durante o ano de 2004 para que auxiliasse nossa interpretação das formas combinadas. Confrontamos o conhecimento lingüístico dos cronistas com o dos nossos alunos após a leitura das crônicas, pedindo que produzissem textos com cruzamentos vocabulares.

Pudemos identificar a estrutura interna dos cruzamentos vocabulares com os alunos a partir dessa prática de leitura e escrita textual.

Buscou-se delimitar a fronteira entre combinação lexical e outros processos de formação de palavras não só a partir das diferenças como também das semelhanças entre combinação lexical, composição, analogia e recomposição.

Estabelecemos as principais funções da combinação lexical além de sistematizarmos os diferentes padrões morfofonológicos das construções combinadas apresentadas pelo *corpus*.

Tomamos como meta uma pesquisa, cuja proposta de ensino de morfologia possa dar mais relevância ao processo de combinação lexical por sua peculiaridade que

o distingue das outras formações composicionais, analisadas nas aulas de morfologia mais freqüentemente. Propomos que a verificação da regularidade do fenômeno pesquisado seja constatada pela Morfofonologia: cremos que o processo se sustenta a partir de fatores de constituição silábica e acento apesar de não nos estendermos na questão.

Arrolamos o neologismo em nossa pesquisa porque todos os cruzamentos vocabulares utilizados nas crônicas dos jornalistas e nos textos dos alunos eram neológicos.

Refletir qual a relação entre palavra-valise e intertextualidade nos pareceu procedente por constatar nos textos lidos e escritos os seguintes fatores: o grau de adesão que o sujeito comunicante busca no sujeito interpretante é visível nas crônicas; todos os amálgamas lexicais tiveram sua estrutura interna analisada em função do texto de que faziam parte; todo texto se insere em um contexto situacional.

Procuramos estabelecer os limites entre combinação lexical e outros processos de formação de palavras pelo procedimento de análise a que se submetem as palavras derivadas e compostas quando analisam sua forma e conteúdo. Buscamos depreender os limites entre combinação lexical e outros processos de formação de palavras não só por suas semelhanças, mas também por suas dessemelhanças: inclusive pela distinção que podemos perceber entre amálgama lexical e composição, amálgama lexical e analogia.

3.2 Combinação lexical: estrutura e semântica

As palavras são criadas pelo homem e ganham vida própria a partir daí como a maior parte das criações humanas. Percebe-se claramente essa criação pelo processo de formação de palavras.

Pode-se encontrar em todas as línguas vivas um estudo sobre o mecanismo de formar palavras partindo de bases já existentes, mas não precisamos comprovar essa teoria com exemplos de outras línguas, temos o suficiente na língua de que ora tratamos: a língua portuguesa. Consideramos sua segmentação sincrônica em elementos mórficos e a classificação de seus elementos, haja vista serem pressupostos básicos de conhecimento para o referido processo. Analisamos comparativamente a estrutura e a semântica das combinações lexicais utilizando as contribuições fornecidas por Câmara e Coseriu (cf. bibliografia).

A morfologia, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), deve-se ocupar das palavras quanto à sua estrutura e formação, bem como quanto às suas flexões e classificação (Kehdi, 2005). Tomando-se por base a NGB, palavra é o todo que envolve os conceitos de significante e significado.

Fazemos uma breve explanação do que seja palavra para que se entenda melhor em que consiste a combinação lexical considerando que este material lingüístico é o *corpus* que utilizamos para análise em nossa pesquisa bem como estabelecemos essa prerrogativa quando definimos a Base Teórica do nosso trabalho pela relação binária do signo lingüístico: conceito e materialização.

Deve haver uma distinção entre palavra e vocábulo segundo a NGB. O vocábulo é constituído de fonemas e sílabas, com ou sem tonicidade (ponto de vista fonético e material); a palavra é o todo que envolve os conceitos de significante (aspecto material) e significado.

Existem alguns critérios para caracterizar a palavra: o primeiro deles seria a unidade acentual, isto é, a palavra seria aquilo que é caracterizado por uma única unidade acentual. O grupo “para ele” seria assinalado como uma palavra desta forma: com um valor acentual. Sabemos que não analisamos o que seja uma palavra por essa

perspectiva, considerando que um dos elementos do grupo pode aparecer combinado com outro elemento em outros contextos, ou mesmo sozinho, como é o caso de ‘ele’, em “Quem fez isso”? – “Ele”.

A palavra também é um vocábulo do ponto de vista semântico, somado a uma significação externa, ou melhor, uma forma livre que possui um semantema. Tem-se em *mesa* uma palavra e em *de* apenas um vocábulo (Kempson, 1977). Fica difícil caracterizar a palavra sob este aspecto quando nos deparamos com os casos de homonímia.

Uma palavra nos seus diferentes significados é uma única palavra ou para cada significado diferente existe também uma palavra diferente? Esta pergunta já encontrou possibilidades de respostas, mas não encontrou resposta uníssona aceita ainda: o critério mais utilizado é a essência da palavra pertence a uma só classe nessa perspectiva semântica.

O critério não esgota todas as possibilidades, considerando que toda língua possui alguns elementos que não se encaixam nas classes existentes, como, por exemplo, em nossa língua, as chamadas partículas também, até (partículas de inclusão), *eis* (partícula de designação) etc. Considera-se também um grupo de palavras que pode desempenhar a mesma função de uma palavra isolada. Temos o critério da equiparação da palavra ou *lexia* encerrando esta discussão. Isto significa considerar o critério da não separabilidade das *lexias*, segundo o qual uma *lexia* é uma unidade que não pode ser rompida por um elemento externo ao conjunto (Langacker, 1972).

Um composto como *ama-seca* pode receber um determinante (antes) ou um modificador (depois), mas não pode receber elemento interposto. Isto pode ser aplicado a vários elementos, para distinguir as locuções principalmente. Qual o critério em se tratando de mesóclise? Não podemos dizer que *daria* não seja uma palavra porque algumas vezes recebe um outro termo em seu interior, por exemplo, *dar-te-ia*: *daria* não é uma *lexia* sob este ponto de vista ainda que seja uma palavra. Pode-se observar que os critérios aqui expostos não são suficientes para uma caracterização completa da palavra, e que é muito difícil elaborar uma morfologia baseada neste elemento.

Nossa proposta não é estabelecer a diferença entre vocábulo e palavra, mesmo porque esta não é uma questão resolvida em lingüística (Cabral, 1988): propusemo-nos a apontar as dificuldades de delimitação por esta breve análise.

O entendimento do que seja uma palavra é uma tarefa tão importante que exigiu a criação de uma disciplina específica para seu estudo chamada Lexicologia. A palavra desempenha um papel decisivo na estrutura da língua que necessitou de um ramo especial da lingüística para examiná-la em todos os seus aspectos, ou seja, investiga a palavra e todos os tipos de morfemas que entram em sua composição: deixemos para os lexicólogos a tarefa.

Vimos que a palavra como um todo é um elemento complexo: entretanto sua decomposição pode conduzir a caminhos mais claros para os estudos morfológicos. O critério indicado para isto é o da comparação por pares que apresentam uma só relação de semelhança e diferença até chegarmos às unidades mínimas significativas (Freitas, 1981).

Considerando a formação amálgama *corruPTavam*, verifica-se que o elemento diferencial é *-m*, cuja indicação significa uma quantidade indeterminada de pessoas praticando uma ação. Percebe-se que o elemento indicador de ação verbal em um passado que se prolonga é *-va*. Relacionando *corruPTava* às formas, *corruPTavas*, *corruPTávamos*, *corruPTáveis* constatamos que a vogal *-a* marca o verbo na primeira conjugação. Pensando em uma outra forma que pertença à primeira conjugação, pode-se relacionar *corruPT* - e *estud-*, que por serem os radicais dos verbos, remetem à significação externa da palavra (Cavaliere, 2000).

Estas segmentações nos fazem chegar a alguns aspectos importantes: todas estas unidades são portadoras de significado, são elementos de grande produtividade na língua, possuem uma ordem rígida.

Segui-se um critério de oposição entre as palavras de trás para frente até aqui para chegar ao elemento que contém sua significação. Pode-se ter uma oposição em que o elemento diferencial é uma letra ou um fonema em alguns casos por um caminho diferente, não havendo necessidade de oposição entre os elementos desde a última letra.

Dizemos que uma oposição fonológica em *casa* e *cala*; cujos elementos diferentes são desprovidos de significado, mas representam traços distintivos (Silva,

2002). Este aspecto fonológico não será aprofundado nesta dissertação por não fazer parte da análise que almejamos desenvolver.

O que realmente conta para são as menores unidades portadoras de sentido, as quais se chamam morfemas. Estes são elementos muito produtivos na nossa língua, tendo em vista que podem ser reutilizados em centenas de vocábulos, além de servirem para formar novas palavras. É a classe mais heterogênea em comparação com as outras unidades básicas da língua (fonemas, palavras e frase).

Os morfemas se dividem em duas categorias. A primeira categoria são os semantemas (também chamados lexemas e raízes); formas livres que traduzem os conceitos, as compreensões, os complexos de idéias que, num estado lingüístico dado, a propósito do mundo objetivo se acham formulados, porque se relacionam com o mundo objetivo, diz-se que possuem uma significação externa (Câmara Jr., 1970).

Os semantemas constituem um conjunto aberto e ilimitado que varia de acordo com as tendências sociais no contexto em que a língua está inserida. Sua significação é complexa e frouxa, ou seja, um mesmo semantema pode ter várias significações, dependendo do contexto e da situação em que se encontre básicas para assumir diferentes matizes.

A importância de seguir o critério da segmentação é explicitar aspectos importantes, tais como: todas as unidades mínimas são portadoras de significado, são elementos de grande produtividade na língua, possuem uma ordem rígida.

Seguindo-se o critério, tem-se uma análise da palavra de trás para frente até que se chegue ao elemento em que está contida sua significação. Existe outro processo, do qual não pretendemos tratar por não se inscrever nos amálgamas lexicais, em que o elemento diferencial é só uma letra ou fonema: sem motivo para que se faça oposição entre os elementos mórficos desde a última letra. Referimo-nos a situações como *pato* e *mato*, *bala* e *bata*..., casos em que a oposição é fonológica, os elementos dessemelhantes são desprovidos de significado ainda que haja distinção (Câmara Jr., 1980).

Verifica-se que as menores unidades portadoras de significado são bastante produtivas na língua tanto por sua recorrência nas palavras quanto por sua utilização na formação de novas palavras. Parece-nos que a razão dessa possibilidade ocorre porque

tais unidades traduzem os conceitos, as compreensões, os complexos de idéias que se acham formulados num dado estado lingüístico a propósito do mundo objetivo (Câmara Jr., 1970).

Essas formas mínimas portadoras de significado fazem relação com o mundo objetivo, possuem significação externa. Constituem um conjunto aberto e ilimitado, que varia de acordo com as tendências sociais no texto em que se insere a palavra formada. Sua significação é complexa e frouxa, isto é, um mesmo semantema pode ter várias significações, dependendo do contexto e da situação em que se encontre. Existe um caráter contínuo, cuja significação básica assume diferentes matizes.

Os semantemas representam um recorte do ambiente do funcionamento da linguagem pela materialização da palavra formada em segmentos fônicos e distintos. Estes semantemas analisados no interior da palavra são chamados de raiz, um elemento mórfico mínimo. O radical pode ser igual à raiz ou uma forma mais abrangente, nas palavras derivadas. A palavra-valise desburocratizar apresenta o radical desburocrat-, sendo a sua raiz burrocrat- (numa perspectiva sincrônica), e semantema do ponto de vista da significação externa.

Tem-se a forma mínima que se subdivide em forma dependente e forma presa: em ambos os casos a significação é interna. A primeira não aparece dissociada de outros elementos da linguagem. Podemos formar uma oração para analisar do tipo: Marcos Valério *tristemunhou* para Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Tem-se *para* como forma dependente, a qual está ligada à sigla CPI. As formas estão ligadas, mas não estão presas porque podem ser separadas sem que o sentido seja comprometido. Podemos dirimir a dúvida construindo uma outra oração da seguinte maneira: Marcos Valério *tristemunhou* para a comissão que investiga o *mensalão*. Forma presa é aquela que só aparece ligada a outra e está por esta condicionada. Em nossos exemplos –ou é a forma presa que não pode ser separada do semantema combinado lexicalmente *tristemunh-*. O semantema está ligado ao mundo das coisas e dos sentimentos, daí sua natureza extralingüística: referem-se ao funcionamento da linguagem. O morfema nos remete à noção de significação gramatical, por isso é intralingüístico.

Os morfemas, do ponto de vista funcional, se apresentam da seguinte maneira: radical, vogal temática, vogais e consoantes de ligação, desinências e afixos. O radical é

a parte detentora da significação da palavra. Junta-se ao radical o morfema que o determina em uma classe: a vogal temática. As vogais temáticas podem ser nominais (-a, -e, -o) ou verbais -a (para a primeira conjugação), -e (para a segunda conjugação), -i (para a terceira conjugação). Somando-se o radical à vogal temática, chega-se ao tema da palavra. Precisa-se da inclusão de uma vogal ou consoante às vezes, cujo papel é a facilitação da realização sonora, para que se realize a ligação entre o tema e as desinências ou afixos das palavras.

As desinências, subdivididas em nominais e verbais, indicam a forma como a palavra se flexiona para que se estabeleça a devida concordância. As desinências nominais indicam o gênero feminino -a e o número plural -s; as verbais exprimem o modo e o tempo (modo-temporal) e o número e a pessoa (número-pessoal). As desinências modo-temporais são as formas -va (para o pretérito imperfeito do indicativo dos verbos da 1ª conjugação), -ia ou -a (para os verbos da 2ª e 3ª conjugações), -ra (para a 3ª pessoa do plural do perfeito do indicativo e para o mais que perfeito), -rá (para o futuro do presente do indicativo) -ria (para o futuro do pretérito), -e e -a (para o presente do subjuntivo), -r (para o futuro do subjuntivo e o infinitivo), -ndo (para o gerúndio) e -do (para o particípio). As desinências número-pessoais são -s (para a segunda pessoa do singular), -mos (para a primeira pessoa do plural), -is (para a segunda pessoa do plural) e -m (para a terceira pessoa do plural).

Finalizando esta descrição, apresentamos os afixos que, se unidos ao radical, alteram o sentido da palavra. Os afixos subdividem-se em prefixos e sufixos de acordo com sua distribuição em relação ao radical (Cunha & Cintra, 2001): anteposto ao radical (prefixo); posposto (sufixo). Não pretendemos apresentar o inventário dos afixos, fizemos uma sucinta exemplificação de sua peculiaridade em alterar o sentido do radical nos cruzamentos lexicais a seguir: *burrocratizar* / *desburrocratizar* (indica negação).

Alguns morfemas podem realizar-se por meio de variantes, isto é, formas diferentes das usuais, as quais apresentam uma frequência menor na língua (são os alomorfes). Ocorre, por exemplo, em relação a forma -va (do pretérito imperfeito do modo indicativo) em -ve, -ia (também forma do pretérito imperfeito do indicativo) em -ie. O morfema -ra (do pretérito mais que perfeito do modo indicativo) apresenta

variante em –re, a forma –ria (do futuro do pretérito do modo indicativo) apresenta variante em –rie (cf. Cavaliere, 2000).

A alomorfia também pode ocorrer com os afixos, adota-se neste caso um critério semântico: se duas formas diferentes apresentam o mesmo sentido são alomorfes. Por exemplo, em notável e notabilíssimo –vel e –bil apresentam o mesmo sentido, portanto são alomorfes (cf. Freitas, 1981). Não buscamos analisar em nossa pesquisa em quais combinações lexicais ocorre alomorfia, apenas julgamos pertinente contribuir com a informação.

Pode-se também classificar os morfemas sob seus aspectos formais, isto é, de acordo com o significante. Os livros de morfologia costumam apresentar seis tipos de morfemas em nossa língua: aditivos, subtrativos, alternativos, reduplicativos, de posição e zero. Tomando-se resumidamente a análise, os morfemas aditivos juntam-se a um núcleo e são os mais comuns em língua portuguesa: são os afixos, as vogais temáticas e as desinências (Rio-Torto, 1998). Os morfemas subtrativos não são abundantes em nossa língua porque formam feminino pela supressão do morfema –o: *primão* / *primã*. Os morfemas alternativos ocorrem pela substituição de fonemas do radical, passando este a apresentar duas ou mais formas: *pavô* / *mavó* (fazendo-se a distinção de gênero tanto pela comutação fonética quanto pela mudança do timbre da vogal).

Os morfemas de posição apresentariam uma forma agramatical pelo caráter rígido com se distribuem os morfemas, por um procedimento desta natureza a comunicação estaria comprometida: *analfaburro* / **nalaburfarro*. O morfema zero é a ausência de um morfema caracterizador da diferença entre as palavras: *gatoso* / *gatosos*. Existe um espaço vazio na diferença que se faz caracterizadora entre a forma singular *gatoso* e a marca –s indicadora de plural em *gatosos*.

3.3 Formação das palavras

Sabemos ser de largo conhecimento o conceito a respeito do processo de formação das palavras, todavia acreditamos que defini-lo faz parte do nosso trabalho. O processo de formação das palavras já se define por sua própria nomeação: é a maneira como novas palavras são formadas na língua a partir de outras que já existentes.

A formação de palavras vem sendo estudada por seu caráter léxico-gramatical, isto é, combina uma análise de critérios que aborda a formação da palavra pela expressão e pelo conteúdo respectivamente. Pretendemos agora fazer breves comentários do que se vem discutindo sobre este assunto.

Tomando-se a análise do processo de formação das palavras de maneira mais científica, existe a preocupação em verificar se a palavra é simples ou composta; bem como se as palavras simples são primitivas ou derivadas, conforme não resultem de outra ou procedam de outra palavra já existente. Apresentam-se então dois processos de formação lexical: a derivação e a composição (Laroca, 1994). O processo derivacional consiste na agregação de afixo(s) ao radical: a anteposição do afixo ao radical caracteriza derivação prefixal (*politicagem / despoliticagem*); a posposição do afixo ao radical caracteriza derivação sufixal (*ladruf / ladrufagem*).

Diz-se ocorrer derivação parassintética quando a agregação dos afixos ao radical ocorre concomitantemente (*crilouro/ acrilourecer*). Considera-se a derivação regressiva caso ocorra subtração de sufixo (*crilourar / crilouro*).

A composição conjuga a união de dois radicais resultando uma palavra. Categoriza-se a composição por seu caráter acentual: tem-se justaposição quando os radicais mantêm sua individualidade (*crilouro-brasiguaio*) e aglutinação quando a junção dos radicais resulta perda de material fonológico (*sacolé*).

Encontramos também processos de formação de palavras como abreviação, reduplicação, onomatopéia, sigla, conversão e hibridismo. A abreviação implica retirada de uma parte da palavra, podendo-se comunicar o sentido sem prejuízo pela forma diminuta (a abreviação concorre com sua forma inalterada na língua). Não há rigidez no critério de que parte da palavra será retirada: pode ser um radical, uma sílaba. Encontramos abreviações como *ap / apertamento*... A conversão não acontece por acréscimo ou subtração de elementos, faz-se pela mudança de classe da palavra: O *brasiguaio* adora praia (o adjetivo *brasiguaio* foi substantivado pela anteposição do artigo). O hibridismo ocorre indistintamente por derivação ou composição desde que as agregações para a formação da palavra sejam feitas por elementos de línguas diferentes: *showmício* (inglês e latim).

Quadro comparativo da formação das palavras

Vejamos agora o quadro comparativo com as diferentes considerações acerca de formação de palavras por gramáticos e lexicógrafos. Há uma coluna para cada processo com suas respectivas subdivisões. A coluna destinada aos Outros Processos estará vazia caso o autor não trate do referido assunto. Constata-se que os processos mais produtivos são derivação e composição: por isso são os mais abordados.

AUTOR	DERIVAÇÃO	COMPOSIÇÃO	OUTROS PROCESSOS
Gladstone Chaves de Mello	Prefixal	Perfeita	Mudança de classe
	Sufixal	Imperfeita	Onomatopéia
	Parassintética	Aglutinativa	
	Regressiva	Flexiva	
Rocha Lima	Prefixal	Justaposição	Abreviação
	Sufixal	Aglutinação	Onomatopéia
	Parassintética		Sigla
	Regressiva		Hipocorísticos
			Braquissemia
Said Ali	Prefixal	Composição	
	Sufixal	Justaposição	
	Parassintética		
	Regressiva		
Celso Luft	Afixal	Justaposição	Hibridismo
	Regressiva	Aglutinação	
	Parassintética		
Cunha & Cintra	Prefixal	Justaposição	Abreviação
	Sufixal	Aglutinação	Hibridismo
	Parassintética	Recomposição	Onomatopéia
	Regressiva		Sigla
	Imprópria		
Antônio Sandmann	Prefixação	Copulativo	Abreviação
	Sufixação	Determinativo	Reduplicação
	Regressão		Forma Analógica
	Conversão		Cruzamento Vocabular
	Parassíntese		
Ieda Alves	Prefixal	Justaposição	Truncação
	Sufixal	Aglutinação	Palavra-valise
	Parassintética		Reduplicação
	Regressiva		
Valter Kedhi	Prefixal	Justaposição	Onomatopéia
	Sufixal	Aglutinação	Reduplicação
	Parassintética	Hibridismo	
	Regressiva		
	Imprópria		Sigla

Quase todos os autores usam o mesmo tipo tradicional de classificação: as exceções são raras. Consideramos agora a discussão sobre as particularidades das nomenclaturas propostas.

Alguns autores empregam a terminologia própria e imprópria para a derivação. A primeira é a que se faz por meio de sufixos aglutinados ao tema da palavra primitiva; na segunda ocorre uma mudança no sentido ou na categoria gramatical da palavra sem o acréscimo de sufixo: relação entre forma e conteúdo.

O estudo do enriquecimento do vocabulário sem o auxílio de elementos formativos faz parte da derivação no entender de alguns gramáticos. Dão-lhe o nome de derivação imprópria por não ser um processo notoriamente semelhante ao processo comum. Pode-se, entretanto, considerar a mudança de sentido e de função que as palavras sofrem em outra parte da gramática, deixando para a semântica a consideração deste assunto. (Ali, 1964).

O professor Gladstone Chaves de Mello utiliza uma nomenclatura ligeiramente diferente dos outros autores quando se refere à subdivisão da composição. Entende-se que a composição será perfeita se o primeiro elemento perder sua tonicidade (passando o composto a ter apenas um acento tônico) ou imperfeita se elementos da composição mantêm independência fonética. Assim seriam perfeitos os compostos *brasiguaiio*, *sacolé*; *crioulo-louro* e *brasil-paraguaio* seriam imperfeitos. A divisão também estabelece um critério morfológico aglutinativo havendo integridade do primeiro elemento (*politicalha*) e flexivo (*carnatal / carnatais*).

O professor Said Ali apresenta um diferencial para a composição: o que os demais autores consideram aglutinação é para ele a essência da composição. Seria uma espécie de estágio mais avançado que, como tal, deveria ser chamado de composição mesmo. Já a justaposição seria um estágio anterior de compostos que ainda não se fundiram totalmente, mas que caminham para isso.

A terminologia adotada pelo professor Sandmann para distinguir os compostos em copulativo e determinativo diferencia-se bastante nos estudos de língua portuguesa. Os compostos copulativos, aditivos, seriados ou coordenativos caracterizam-se pelo fato de cada elemento da composição estar numa posição de igualdade em relação ao outro sintaticamente. O conjunto é uma soma dos dois elementos que geram uma coisa nova semanticamente. Um exemplo fornecido pelo autor é *bar-restaurante*. Os elementos têm de pertencer à mesma classe neste tipo de composto. Um componente determina o outro nos compostos determinativos, seria o caso de *piano-bar* (piano seria o determinado e

bar seria o determinante). A classe gramatical não interfere no tipo de composto. Não nos alongamos na análise do teórico nesta parte do trabalho, porque já utilizamos a teoria de Sandmann e de Ieda Alves para referendarem nosso trabalho na explanação anterior.

Observamos até aqui que todos os autores citados dividem as palavras de acordo com seus elementos formais, classificam formalmente o assunto, definem qual a classe gramatical dos elementos formadores e dos produtos, listam afixos e radicais com seus respectivos sentidos, isto é, conciliam a forma ao conteúdo. Passamos a ver agora outros enfoques dados à formação das palavras: particularmente, o enfoque dado por Eugenio Coseriu.

3.4 Estudo Funcional

O estudo funcional das palavras compreende a busca do significado nas línguas. O termo significado não é tão simples quanto parece à primeira vista. Pertence ao conteúdo lingüístico por um lado; por outro, subdividi-se em vários tipos (Lobato, 1977).

Existem três tipos fundamentais de conteúdo lingüístico: o significado, a designação e o sentido. O significado é o conteúdo dado por uma língua determinada, ou seja, ele só existe como significado na língua portuguesa, na língua francesa etc (Borba, 1972). A designação é a referência à realidade extralingüística, não importa em língua seja feita, esta determinada pelo significado por princípios gerais do pensamento e pelo conhecimento de mundo. O sentido é o conteúdo particular de uma palavra ou expressão em um texto. A designação ocorre no nível da realidade extralingüística, o significado no nível da língua e o sentido no nível do texto (Coseriu, 1987). A palavra *aborrescente* se for utilizada como exemplo nas expressões rapaz *aborrescente* e grilo *aborrescente* será entendida como “o adolescente que aborrece” sob o ponto de vista do significado. A mesma palavra, analisada sob o ponto de vista da designação requer nosso conhecimento de mundo, entenderíamos que no primeiro sintagma o determinante designa uma pessoa em fase etária de transição, trazendo muita preocupação a seu responsável; o segundo sintagma teria um valor conotativo, utilizado em uma fábula provavelmente. Pode-se observar então que o aspecto do significado é muito mais geral e econômico que o da designação; por isso, mais fácil de sistematizar (Coseriu, 1978).

As interpretações que tentam explicar o valor dos compostos se baseiam na designação, reduzindo-os a orações concretas. Teríamos, por exemplo, em *crioulo-portunhol*, segundo a designação, um homem de etnia negra (crioulo) que pinta o cabelo de louro com dupla nacionalidade. Rompemos com a unidade do composto quando fazemos a sua decomposição. Percebemos que as relações gramaticais no interior dos compostos são de natureza mais abstrata, isto é, tem-se apenas uma relação determinado-determinante: *crioulo* determinado por *portunhol* (Lima, 2005). Esse tipo de interpretação além de abstrata é mais simples e econômica.

Os tipos de formações de palavras, enquanto procedimentos sistemáticos, têm em cada caso um significado dado pela mesma. A própria definição de significado é a de conteúdo dado pela língua; a designação resulta da norma da língua e/ou do conhecimento geral e particular das coisas extralingüísticas. A designação assim não pode corresponder aos tipos de formação de palavras como procedimentos idiomáticos funcionais, tendo em vista que não coincide com o significado sistemático. A designação pode ser considerada como determinação ulterior e complementar dos procedimentos de formação de palavras, nunca antes do significado ou como determinação definidora (Coseriu, 1982).

O significado, por sua vez, subdivide-se em lexical, categorial, instrumental, sintático (ou estrutural) e ôntico. O significado lexical está relacionado ao que é basicamente apreendido, sem nenhuma significação suplementar. O sentido categorial equivale aos diferentes modos de apreender as palavras, ou seja, são as classificações que lhes damos como substantivo, adjetivo, verbo... O significado instrumental é o dos morfemas (instrumentos gramaticais), usados para formar as construções gramaticais, sejam eles formas presas ou dependentes. O significado sintático é o das combinações de lexemas com morfemas; o significado ôntico só se dá no plano das orações. Utilizamos uma classificação ôntica ao dizermos que uma oração é afirmativa, negativa, interrogativa ou imperativa (Lima, 2005). Pode-se resumir estes significados em uma oração: Este mês a mesada da minha *primã* não foi boa. Temos em mês / mesada o significado léxico (o que é comum a estas duas palavras). Consideramos o significado categorial quando classificamos as palavras *primã* (substantivo), foi (verbo)... Estamos informando o significado instrumental se dizemos que –a é o formador de feminino e enfocamos o significado sintático se combinamos este morfema –a ao lexema bom.

Aludimos ao significado ôntico se consideramos a frase declarativa negativa. Apresentamos os demais significados para tornar didática nossa explanação, pois nesta parte do trabalho o que nos interessa investigar é o significado léxico.

A lexemática trata basicamente do significado em si, o qual equivale a dizer que não leva em consideração as possibilidades de uso conotativo de uma palavra. Tomemos como exemplo a frase Esta situação durou dois *carntais*. A palavra telefonema está relacionada a uma duração de tempo aqui, mas isso não quer dizer que pertença ao paradigma léxico do modo de nomear a duração em português, como segundo, minuto, hora, ano... A lexemática não leva em consideração este tipo de uso para o estudo do léxico, pois não se ocupa do significado de fala, mas do significado unitário que uma palavra possui em contextos diferentes. Aquele tipo de significação é tão relativa, que a duração de dois *carntais* pode ser longa ou breve, dependendo da situação.

A tarefa fundamenta da lexemática, enquanto disciplina estrutural descritiva é deslindar dentro das línguas funcionais e descrever de maneira sistemática e exaustiva o paradigma e o sintagma do vocabulário no plano do conteúdo. Estas estruturas lexemáticas dividem-se paradigmáticas e sintagmáticas. Aquelas, por sua vez, dividem-se em primárias e secundárias: as primárias são os campos léxicos e as classes léxicas enquanto as secundárias são a modificação, o desenvolvimento e a composição. As estruturas sintagmáticas se subdividem em afinidade, seleção e implicação.

O campo léxico e a classe léxica são estruturas primárias porque sua definição não implica outra estrutura léxica. Isto equivale a dizer que são estruturas simples e básicas na língua, que não passaram por nenhum processo de alteração de seu significado, como casa, sol, comprar etc. Tem-se uma estrutura paradigmática com unidades léxicas amálgamas que têm uma significação comum e estão, ao mesmo tempo, em oposição umas às outras no campo léxico: por exemplo, *politicagem*, *politicalha*, *ladrufer*, *corrPTar*. Todas essas palavras indicam práticas políticas escusas, ilícitas, entretanto cada uma delas tem suas características bem definidas, pertencem, portanto, ao mesmo campo léxico. A classe léxica consiste em uma classe de lexemas que se relacionam entre si por um traço distintivo comum que funciona em toda uma categoria gramatical: existem distinções animado (*ladrufer*) / inanimado (*apartamento*),

humano (brasiguaiio) / não-humano (sucuribóia), masculino(paidrasto) / feminino (mãedrastra) etc dentro da categoria dos substantivos.

3.5 Estruturas Secundárias

Relação secundária paradigmática significa relação entre lexemas que já existem nos campos léxicos (e, eventualmente, nas classes léxicas) e que se gramaticalizam em suas relações lexicais para, então, entrar de novo no léxico da língua, já com um significado a mais, e receber as determinações gramaticais explícitas iguais às das palavras primitivas: tornam-se paragramaticais. O resultado é o já conhecemos como palavras derivadas e compostas (Coseriu, 1981).

Precisamos esclarecer que o termo paragramaticalização não está relacionado à gramática da língua, trata-se de uma gramática específica do léxico, não sendo apenas um aspecto do processo de formação de palavras: é o ponto central deste processo por aparecer em todos os procedimentos formativos.

As relações paragramaticais resultam das equivalências semânticas entre os produtos e as construções parafrásicas explícitas que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. A palavra-valise namorido, por exemplo, apresenta o seguinte equivalente: pessoa com quem se tem um relacionamento que ultrapassa o limite do namorado sem oficializar a relação, como se faz quando se trata de um marido. Devemos ressaltar, entretanto, que este tipo de fórmula descrita tem uma função apenas metalingüística: as palavras aí utilizadas não correspondem àquelas da linguagem primária, querem dizer tão somente que a palavra primária foi gramaticalizada por uma predicação atributiva e depois foi substantivada. Podemos perceber, desta forma, que o produto da paragramaticalização tem sempre um traço semântico a mais do que a base, há sempre um conteúdo mais rico. Retomando o exemplo já citado, podemos verificar que a palavra namorido contém a mais os traços semânticos “predicatividade e substantividade”. Esta paragramaticalização não ocorre apenas em alguns casos de formação de palavras: ela é relamente fundamental neste processo e é o que faz dele um domínio particular no interior do léxico (Coseriu, 1982).

A modificação, o desenvolvimento e a composição são, na realidade, procedimentos da formação de palavras, considerados sob o ponto de vista do conteúdo.

Tem-se a modificação quando a paragramaticalização diz respeito a uma só unidade de base. A categoria de seus produtos é sempre a mesma da base. Pode-se apresentar como exemplo *ladruf / ladrufinho; burrocratizar / desburrocratizar*. A partir destes exemplos constatamos que não ocorre alteração de classe: *ladruf / ladrufinho* (substantivos); *burrocratizar / desburrocratizar* (verbo).

Verificamos desenvolvimento com uma só unidade de base e a partir de lexemas tomados como membros de orações (porque só se classifica uma palavra em relação ao seu contexto mais imediato), que originam outros membros com funções diferentes que as da base: *burrocratizar / burrocracia; corruPTar / corruPTista; crilouro / crilouragem*; Tem-se alteração de classe desta forma: verbo / substantivo (*burrocratizar / burrocracia*; *corruPTar / corruPTista*); adjetivo / substantivo (*esquerdofrênico / esquerdofrenia*); substantivo / adjetivo (*burrocracia / burrocracioso*); adjetivo / verbo (*esquerdofrênico / esquerdofrenizar*); adjetivo / advérbio (*esquerdofrênico / esquerdofrenicamente*). Pode-se observar que o termo primário pode pertencer a qualquer classe gramatical.

O desenvolvimento tem ainda uma característica diferente: ser o ponto de partida para novos desenvolvimentos. A ordem das etapas do desenvolvimento em série é fácil de ser identificada quando existe um paralelismo entre a expressão e o conteúdo e, mesmo quando não há paralelismo, podemos supô-lo. O conhecimento dos desenvolvimentos em série é importante, porque por meio deles se pode pular etapas algumas vezes e criar termos sucessivos sem que o termo anterior exista realmente na norma da língua, como por exemplo: *ladruf / ladrufar; burrocracia / burrocratizar / burrocratizável*. Outra característica do desenvolvimento é a de haver desenvolvimentos diferentes de um mesmo termo, de acordo com as diferentes acepções ou de acordo com os diferentes significados das formas homófonas, como por exemplo: *sacolé* (quem vende picolé no saco) / *sacolé* (picolé no saco) / *sacolé* (saco térmico em que se coloca o picolé). O produto corresponde somente a parte do significado da base em alguns casos, como por exemplo *gastoso*: só indica aquele que não é bonito nem gostoso, mas bastante generoso (gasta muito para cortejar a pessoa por quem se interessa).

A paragramaticalização diz respeito a duas unidades de base na composição, ou seja, tem-se uma combinação de dois lexemas, em que um determina o outro. A

composição pode ser de dois tipos: prolexemática e lexemática. A composição prolexemática ocorre quando um dos termos da base é um prolexema, isto é, uma unidade de natureza pronominal, como pro exemplo um pronome substantivo genérico (alguém) + burrocracia= burrocrata. Diz-se que a composição é lexemática se os dois termos da base forem lexemas, como por exemplo político (a) + canalha = politicalha; mato + motel = matel. Pode-se considerar a existência de quatro tipos fundamentais de formação de palavras partindo desta divisão ou considerar apenas três, tomando a composição prolexemática e lexemática como subdivisões da composição: optamos pela primeira consideração.

Consideramos agora os subtipos dentro dos quatro tipos de formação de palavras.

A modificação pode ocorrer por mudança de gênero, de classe e quantificação. a quantificação subdivide-se em formação diminutiva, aumentativa, intensificação, repetição, negação, parcialização etc. Vejamos os exemplos:

- paidrasto / mãedrastra (mudança de gênero);
- ladrufar – proceder como quem foi prefeito e governou a cidade de São Paulo, enriquecer à custa dos cofres públicos, acumular fortuna graças ao dinheiro do povo, desviar verba, agir como Maluf (verbo intransitivo);
- chevelho / chevelinho (formação diminutiva);
- soffessor / soffressão (intensificação);
- pão / pãezão (formação aumentativa);
- corruPTar / recorruPTar (repetição);
- burrocratizar / desburrocratizar (negação);
- soffessor / soffredela (parcialização).

Temos no desenvolvimento predicativo, atributivo, objetos preposicionais seguindo a função oracional implícita de sua base.

- Globo e beleza / globeleza (predicativo);
- ladrufar / ladrufada (predicativo);

- do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul / cariúcho (atributivo);
- sabor de chocolate com menta / chocomenta (atributivo);
- pedagogia de pedra / pedragogia (de objetos preposicionais)

3.6 Diferentes visões

Devido aos aspectos que possuem as unidades léxicas – expressão e conteúdo -, suas relações podem ser estruturadas de três formas: só expressão, só conteúdo e expressão e conteúdo.

Uma estruturação só da expressão é possível, mas não leva muito longe em termos de contribuições para os estudos da língua. Entre os tipos de procedimentos materiais e os tipos funcionais ou semânticos não há nenhum tipo de relação do ponto de vista das funções, e no que diz respeito à compreensão e descrição adequada à língua: tendo em vista que procedimentos materiais distintos podem corresponder ao mesmo tipo funcional. Como acontece, por exemplo, com *ladruf / ladrufeiro* e *burrocratizar / desburrocratizar*, a que as teorias correntes classificam como derivação sufixal e derivação prefixal, mas que do ponto de vista semântico é apenas uma modificação. Vários tipos podem corresponder a um mesmo tipo material também por um caminho contrário, como em *burrocratizar / burrocratizador* e *ladrufar / ladrufeiro*. Classificados materialmente como derivação sufixal e, do ponto de vista semântico como composição e desenvolvimento respectivamente. Este tipo de estudo material não contempla as justaposições casuais, como *salve-se quem puder*, *botar as mangas de fora* que, no entanto, não podem ser consideradas propriamente como processos de formação de palavras; por outro lado, não consideraria como procedimentos certas formações, como as derivações regressivas (*ladrufar / ladrufa*). Acaba-se com longas listas de palavras que não esclarecem nada quanto ao aspecto da formação por este enfoque.

A estruturação da expressão e do conteúdo ao mesmo tempo é o que vem sendo feito historicamente quanto ao assunto, como vimos em tópicos anteriores, tendo em vista que o léxico é mais ou menos regular em seu aspecto material. Ora se trata do aspecto puramente material, com a formação das palavras por meio de prefixos; ora se fala de certos tipos considerados do ponto de vista do conteúdo, como a formação de coletivos, diminutivos etc. Deixa-se levar por uma profusão de pontos de vista e no fim

se percebe que a regularidade do léxico não é geralmente suficiente para uma estruturação coerente. Podemos apresentar alguns casos considerados “problemáticos” a respeito dessa profusão de critério para exemplificar, ficando sem respostas definitivas, pois alguns autores consideram a prefixação um tipo de derivação; outros consideram a prefixação um tipo de composição. Existe também a dúvida quanto à parassíntese: é caso de derivação e composição simultaneamente ou outro processo? O que se chama derivação do ponto de vista do significante não é o mesmo do ponto de vista do significado. As formas podem ser divididas em modificação, desenvolvimento e composição neste último caso.

A composição do ponto de vista do conteúdo dá a dimensão da natureza própria e específica da formação de palavras. A formação de palavras corresponde a uma paragramaticalização específica do léxico primário sob a perspectiva do significado, que se prende a dois critérios: se a paragramaticalização implícita afeta um ou dois elementos da base de formação (modificação e desenvolvimento em oposição à composição); se a gramaticalização corresponde a uma função de gênero e número ou de sujeito, predicado, complemento, em que temos modificação em oposição a desenvolvimento. Este tipo de perspectiva é muito importante porque mesmo para chegar a uma identificação dos procedimentos materiais, depende-se da identificação dos procedimentos semânticos.

O léxico a que se aplicam os procedimentos formativos pode já estar paragramaticalizado por procedimentos anteriores e a ordem das combinações é decisiva para o significado do produto final. Esta é uma outra propriedade da formação de palavras e das mais econômicas para a língua, tendo em vista que de um mesmo lexema, por meio de diferentes processos formativos, podemos formar diversas palavras. Esta propriedade é econômica também para nosso reservatório mental de informações, pois permite uma expansão vocabular a partir de um inventário básico.

3.7 Uma polêmica

Um caso problemático é a composição de verbo + nome: saca-rolha, bate-papo, porta-retrato, quebra-nozes, guarda-roupa. Os autores são unânimes em reconhecer que se trata de um composto com dois elementos.

O problema surge com a caracterização específica de cada elemento por parecer uma composição de frases, ou seja, estes compostos parecem orações com sujeito, verbo e objeto ou construções com verbo e substantivo condensados em uma palavra.

A dúvida fica por conta do primeiro elemento: trata-se de redução do verbo no infinitivo (aparecendo apenas o tema verbal), seria o caso de um verbo conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo ou seria um imperativo? Este tipo de dúvida recorrente não se resolve se utilizarmos apenas a análise pela forma.

Creemos que uma das propriedades é a de que os elementos podem-se combinar entre si não apenas uma, mas várias vezes abordando a questão pela análise do significado. Entende-se melhor o “problema” dos compostos apresentados a partir desta propriedade. Vejamos o primeiro supracitado saca-rolha: se nos colocarmos na posição de alguém que nunca viu algo similar, que não sabe que se trata de um instrumento para tirar rolha da garrafa, mas que conhece a língua, conhece este procedimento de composição, e sabe o que é sacar e rolha, essa pessoa será capaz de imaginar o que significa? Provavelmente. Essa pessoa possivelmente vai imaginar que se trata de algo que tira a rolha. Este tipo de raciocínio é uma paráfrase de uma composição prolexemática.

Trata-se primeiro de um composto prolexemático na realidade, isto é, um prolexema combinado com um lexema como, por exemplo, sacar / sacador (aquilo ou alguém que saca). Este composto se junta a um outro lexema sob uma forma reduzida, formando um composto lexemático: sacador + rolha / saca- + rolha / saca-rolha. O segundo elemento do composto lexemático é um substantivo na maioria das vezes quanto à forma, mas também poder ser um advérbio, como em pisa-mansinho ou ganha-pouco. A função oracional implícita do segundo elemento vai depender da forma que ele tem: pode ter função de objeto direto (constitui a maioria dos casos), como saca-rolha, contagota, ou adjunto adverbial, como em pisa-mansinho ou ganha-pouco.

O que parece caracterizar o procedimento material desse tipo de composto é, na composição lexemática, suprimir-se o derivado explícito do composto prolexemático, da mesma forma que se faz com a preposição que aparece nas construções equivalentes em sintaxe livre (sacador de rolha) ou nos compostos lexemáticos de substantivo com substantivo pão (pai e mãe); como na supressão da conjunção dos compostos de verbo com outro verbo, como em vaivém, e também em outros casos quando se suprime não só um elemento (mas vários) para formar o composto, como em girassol (algo que gira na direção do sol).

Esses tipos são equivalentes do ponto de vista do conteúdo a corruPTeiro, macuncólico, namorado etc, os quais também são compostos prolexemáticos.

Verifica-se que o elemento verbal desse tipo de composição não é um imperativo nem outra forma verbal conjugada, mas uma forma derivada regressiva que se assemelha materialmente a um tema verbal, servindo-nos de uma abordagem semântica.

O elemento do composto não pode ser considerado verbo do ponto de vista funcional, mas um tipo de particípio de conteúdo substantivado, levando-se em conta o significado original do particípio, ou seja, forma que participa tanto da categoria do nome quanto da categoria do verbo.

Os compostos prolexemáticos podem ser confirmados também pelo sentimento de língua dos falantes nativos. O exemplo conta-gotas coexiste com a expressão contador de gotas em perfeita harmonia em nossos dias: fato que reforça nosso ponto de vista. O fato do falante não saber ou esquecer o composto lexemático e usar o composto prolexemático será perfeitamente compreensível e aceito, podendo-se em vez de guarda-roupa dizer guardador de roupa ou aquilo em que se guarda a roupa; quebra-nozes, aquilo que se usa para quebrar as nozes ou aquilo que quebra nozes; pão, aquele que acumula a responsabilidade de pai e mãe. Podemos perceber que os compostos lexemáticos guarda-roupa e quebra-nozes coexistem com seus correspondentes prolexemáticos, sendo-lhes equivalentes do ponto de vista da designação.

O alcance designativo do composto prolexemático (e também do desenvolvimento) por outro lado, na maioria das vezes, é mais amplo que o composto lexemático: tendo em vista que o segundo elemento produz uma limitação ao composto,

pois estando ligados mais nada se lhes acrescenta. Os compostos contador / conta-gotas, quebrador / quebra-gelo etc são quase equivalentes: o que dá o matiz equivalente é o segundo elemento, que restringe o uso. O composto prolexemático é mais freqüente no uso lingüístico na maioria das vezes por ser mais generalizante.

Outra questão que podemos ressaltar quanto a esses compostos refere-se à endocentricidade ou exocentricidade: questão diretamente ligada à designação. Um composto seria endocêntrico quando o lexema em que o designado está presente no composto, como lança-foguetes. Um composto seria exocêntrico quando remetesse a algo exterior ao composto, como, por exemplo, fura-bolo, em que a semântica de fura é o dedo indicador. Parece-nos que a combinação lexical combina os dois critérios: endocentricidade e exocentricidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cogitou-se que a problemática concernente ao ensino no Brasil estivesse relacionada a um número ínfimo de escolas para o ensino, suspeitou-se quanto a subtraírem verba, considerou-se insuficiência de frequência dos alunos: tudo isso não faz muito tempo. Sugeriu-se erigir prédios, oferecer salários melhores aos professores, convencer as famílias a mandar seus filhos para a escola (mesmo pagando). Demandou muito tempo para se perceber que os alunos vão à escola em sua maioria, mas aprendem pouco. Começam então a abandonar os estudos quando chegam à adolescência: ainda que seja para ajudar na renda familiar.

Desconfiamos que o maior problema do ensino atualmente é a sua má qualidade e a repetência, ou seja, a retenção dos alunos que não se saem bem quando inquiridos sob aquele formato tradicional de avaliação, prática altamente disseminada em nosso país (Fletcher, 1984 & Ribeiro, 1991).

O país enfrentou problemas de salas de aula vazias constatados pela primeira vez enquanto se falava em construir mais escolas com a diminuição da expansão demográfica e da migração interna na década de 1980. Havia 40 milhões de alunos matriculados só no ensino regular básico pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (Pnad). Uma em cada três pessoas estava fazendo algum tipo de curso em 2003 dentre os 55 milhões de brasileiros.

Os gastos brasileiros com ensino são atualmente da ordem de 5% a 5,5% do Produto Interno Bruto (PIB): investimento maior do que fazem Argentina e Chile; semelhante aos feitos por Itália e Japão. Devemos reclamar um investimento financeiro maior, entretanto temos de considerar uma reformulação em nosso método de ensino para tentar erradicar o problema, precisamos aplicar estratégias de ensino que tornem o ambiente escolar agradável a professores e alunos: tanto para sentirmos que estamos contribuindo com a constituição de cidadania do estudante quanto para os jovens não abandonarem seus estudos. Muitos estudantes tanto não estão no nível recomendado à sua faixa etária quanto existe um número considerável de adultos ocupando vagas dos jovens desistentes. Grande parte dos brasileiros já se encontra fora da escola: aos 16 anos (16,7%); 18 anos (42%). Choca aos que trabalham com ensino médio tanto o

contingente de matriculados que não sabe ler e escrever com proficiência quanto os que saem antes da obtenção da certificação formal de que necessitam para exercer sua cidadania. A má qualidade do ensino não afeta a todos da mesma maneira nem a escola se estruturou para compensar as diferenças: atingem-se os oriundos de classe desfavorecida principalmente.

O Brasil ocupa destaque pelo elevado índice de desigualdade, e isso está intimamente relacionado à educação (Velloso, 1999): a desigualdade é grande, tampouco existe equidade no acesso aos recursos e benefícios da educação. O Brasil também é uma sociedade multirracial, na qual existem fortes correlações entre origens étnicas, renda, oportunidades de educação e desempenho na escola.

Percebendo-se a degradante realidade remetida ao ensino médio quanto ao aluno não aprender o que precisa para aprimorar sua convivência em sociedade, assim como participar do mercado de trabalho, implantou-se no Brasil um instrumento para avaliar os resultados do desempenho dos jovens que chegam à etapa final do ensino médio. Objetiva-se investigar as diferenças e tomar como base políticas de melhoria: o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) representa um amplo esforço do desenvolvimento de indicadores sobre características, evolução e qualidade da educação do país.

As grandes diferenças de qualidade que existem no ensino médio, e o grande número de jovens que abandonam os cursos antes de terminar, levaram-nos a pensar em uma prática de ensino que pudesse estimular os jovens e os professores (de Língua Portuguesa neste caso) a ter gosto pelo estudo-ensino a ser realizado.

Suscitamos esta questão porque mesmo que pensássemos que o problema a ser enfrentada se resumisse ao nível do discente, existe também a questão da formação dos professores: sem os quais nada pode ser feito (Abramovay, 2003). Os dilemas da educação mostram que muitos professores não adquirem a formação necessária para proporcionar um ensino diferenciado do prototípico, desconhecem o método para promover uma aula qualitativa aos que freqüentam a escola pública por problemas sérios inerentes particularmente à população carente

Muitos professores não consideram que todos os alunos que estão na escola lêem o que circula em seu mundo com muita espontaneidade e com a confiança de sua experiência (Yunes, *op. cit.*), só não o fazem dentro da sala de aula porque a maior parte

dos professores faz questão de mostrar o conteúdo com uma nomenclatura que o estudante não domina ou discutem o que deve ser ensinado por meio de textos, cuja a linguagem está cifrada para o aluno: muitos docentes fazem questão de se distanciar do aluno tendo o conteúdo como intermédio até para se protegem do seu próprio desconhecimento.

Esses professores - além de seguirem o molde independente da clientela a qual atendem - não encontram nas escolas públicas em que atuam os recursos necessários para que a atividade educacional possa ser exercida plenamente (Oliveira & Schwartzman, 2002).

O ensino de morfologia parece se manter inalterado nas escolas, no entanto a pesquisa acerca do léxico vem recebendo atenção de muitos autores (cf. bibliografia), pelos quais podemos questionar o posicionamento que se adotava até então.

Pensamos ser tempo de utilizar os conteúdos lingüísticos como ferramenta para ampliar o nível de leitura e escrita dos estudantes: resolvemos nos dedicar a uma pesquisa que trouxesse sua contribuição pelo ensino de morfologia, utilizando como corpus um processo que vem recebendo um tratamento tão marginal quanto a participação do aluno lendo e escrevendo textos. Decidimos propor com nossa pesquisa que os conteúdos discutidos nas escolas considerem o conhecimento que o falante já possui da língua para que, a partir disso, o aluno aprenda o que não conhece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, M. *Ensino Médio: as múltiplas vozes*. Brasília: Unesco Brasil / MEC, 2003
- ALI, M. S. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- ALVES, I. M. *Aspectos da Composição Nominal em Português Contemporâneo*. São Paulo: ALFA, 1987.
- _____. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.
- ANTUNES, C. *As Múltiplas Inteligências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *A Construção de uma Nova Pedagogia para uma Escola Pública de Qualidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *A Avaliação da Aprendizagem Escolar*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1994.
- ASSUNÇÃO JR. A. P. *Dinâmica Léxica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- AZEREDO, J. C. de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Fundamentos da Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. *Estruturas Lexicais do Português*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, Produção e Criatividade*. São Paulo: EP, 1996.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BORBA, F. da S. *Introdução aos Estudos Lingüísticos*. São Paulo: Editora Nacional: 1972.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC, 2000.
- _____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996.
- BROCK, C. & SCHWARTZMAN, S. (orgs.). *Os Desafios da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- CABRAL, L. S. *Introdução à Lingüística*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- CÂMARA JR., M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- _____. *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica: 1970.
- _____. *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro: Tupy: 1956.
- _____. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CARVALHO, N. *O que é Neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- _____. A Palavra é. Recife: Líber, 1999.
- CASTRO, J. A. D. O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino e Valorização do Magistério (Fundef). Brasília: Ipea, 1998.
- CAVALIERE, R. Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- _____. Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira. Niterói: EDUFF, 2000.
- CHALITA, G. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2004
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSERIU, E. O Homem e sua Linguagem. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- _____. Princípios de Semântica Estructural. Madrid: Gredos, 1981.
- _____. Gramática, Semântica, Universales: estudos de lingüística funcional. Madrid: Gredos, 1978.
- _____. Les Procédés Sémantiques dans la Formation des Mots. Genève: Droz, 1982.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DEMO, P. Formação Permanente e tecnologias Educacionais. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ESTEBAN, M. T. (*et alii*). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FLETCHER (1984) & RIBEIRO (1991). *O Mobral e a Alfabetização: a promessa, a experiência e algumas evidências dos seus resultados*. Stanford. University libraries, 1983.
- FREITAS, H. R. *Princípios de Morfologia: visão sincrônica da derivação em português*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- KEHDI, V. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 2005.
- _____. *Formação das Palavras em Português*. São Paulo: Ática, 1992.
- KEMPSON, R. M. *Teoria Semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- LANGACKER, R. W. *A Linguagem e sua Estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LAROCA, M. N. de C. *Manual de Morfologias do Português*. Campinas: Pontes, 1994.
- LIMA, C. H. da R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- LOBATO, L. M. P. *A Semântica na Lingüística Moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- MARTINET, A. *Elementos de Lingüística Geral*. Portugal: Sá da Costa, 1975.
- MELO, G. C. de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1978.

- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.
- NEVES, M. H. de M. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.
- OLIVEIRA, I. de. *O Contrato de Comunicação da Literatura Infantil e Juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- OLIVEIRA, J.B.A & SCHWARTZMAN, S. *A Escola Vista por Dentro*. Belo Horizonte: Alfa, 2002.
- PALMER, F. R. *A Semântica*: Martins Fontes, 1976.
- PILLA, E. H. *Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua*. Porto Alegre: AGE, 2002.
- RIO-TORTO, G. M. *Morfologia Derivacional*. Portugal: Porto Editora: 1998.
- ROCHA, L. C de A. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- SANDMANN, A. J. *Competência Lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: EDUFPR, 1981.
- _____. *Formação das Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Ícone: 1989.
- _____. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *O que é um composto?* São Paulo: DELTA, 1990.
- _____. *A Composição no Português Falado*. São Paulo: FAPESP, 1993.
- SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto: 2000.
- SOUZA, L. M de & CARVALHO, S. W. de. *Compreensão e produção de textos*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VELLOSO, J. P. (org.). *Um Modelo para a Educação no Século XXI*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ANEXO 1: Fragmentos de textos em que se inserem as palavras estudadas.

AGAMENON

“(...) Os carnavalescos dão a última conferida nos tapa-sexos e biquínis das popozudas siliconadas. A ostetação, a osbundação e a oscoxação, como sempre deram a tônica deste carnaval (...)”

“(...) CorruPTei. Essa roubalheira prova que corruPTista, quer dizer, petista também são seres humanos, assim como eu, você e o Sérgio Naya (...)”

“(...) Alguns militantes do PT passaram a ser desmilitantes, o que prova que nem todos os membros do partido são esquerdofrênicos(...)”

“(...) Quem não concorda com a pedragogia imposta com o governo dos corruPTores, Partidos dos Trabalhadores, vai deixando o grupo cantando a jingle Lula lá e a gente cá(...)”

“(...) A clonagem vem caminhando em passos largos. Até aqui no Brasil temos acompanhado alguns resultados interessantes, como a sucuribóia, o galobu e o Wanderley Luxemburro (...)”

VERISSIMO

“(...) Não tenho deixado minha mãe ver televisão estes dias. Ela é muito idosa e sensível, pode ficar comovida com o que acontece na CPI: mais do que vê na novelha de época. A época agora é o tristemunho de Marcos Valério. Pelo menos na novelha não aparece safadagem, só bobageira(...)”

“(...) Tomara acabe a CPI dos cuecas malas e volte a era das calcinhas lourogenadas. Não tenho mais lágrima e inteligência para ver politicalha e politicagem(...)”

“(...) Quem pensa que vai encontrar produtos natalinos no Saara está enganado, pois a época é de carnatal e todos os artigos da época já estão em oferta. É só aproveitar as atrações(...)”

XEXÉO

“(...) Todos aqueles que fizeram curso no colégiodura de ladruf podem estar elegíveis, já que nada se pode provar contra o politicossauro(…)”

“(...) O melhor sistema de governo para os políticos dos Brasil é a democradura da burrocrazia. A maneira como os burrocratas investigam as contas dos parlamentares é tão eficiente, respeitando seus direitos, que nada se pode provar contra os honestos que governam nosso estado e estados vizinhos(…)”

“(...) O piloto Rubens Burchello fez mais uma surpreendente apresentação de sua Ferrari, conseguindo chegar entre os últimos(…)”

ANEXO 2: Palavras extraídas de redações discentes.

Abolicar – Agência de automóveis situado no bairro Abolição.

Rodovan – Cooperativa de vans que atende os passageiros na Rodoviária Novo Rio.

portunhol – Falar Espanhol só pela produção sonora, utilizando palavras do português.

aborrescente – Adolescente por sua peculiaridade (rebeldia), trazendo aborrecimento àqueles que são responsáveis por sua formação.

solfessor – Referindo-se ao árduo ofício do profissional de educação: além de ganhar um baixo salário pela tarefa que desempenha, lida muitas das vezes com “aborrescentes”.

batatalhau – Bolinho que contém muito mais batata que bacalhau.

alcoolância – Veículo em que estão aqueles que consumiram bebida alcoólica (relacionado esta a bêbado).

pescotapa – Ação de dar ou receber um tapa no pescoço.

matel – Utilização de espaço público para prática de atividade sexual.

showmício – Comício que atrai platéia pela apresentação de espetáculos musicais que promove.

cantriz – Referindo-se à mulher que conjuga as habilidade de cantar e representar.

irnimigas – Palavra utilizada para comunicar a relação de irmãs, cujos temperamentos não combinam: parecem inimigas.

paitrão – Pai que emprega filho.

paitrocínio – Pai que patrocina filho.

mãedrastra – Mãe que não é inexorável com do filho.

namorido – Aquele com quem se tem uma relação que extrapola os limites do namoro.

apertamento – Construção de tamanho ínfimo, considerando a medida padrão.

bótimo – Palavra que comunica uma avaliação sobre referente, considerando-o acima da média.

chocolícia – Marca de biscoito de chocolate que traz consigo a avaliação de seu

fabricante.

chevelho – Referindo a uma marca de carro que já saiu de linha faz muito tempo: o Chevette.

futevôlei – Conjugação de duas práticas de esporte em uma: futebol e vôlei.

futsal – Futebol jogado em salão de grama sintética.

lambaeróbica – Dançar lambada com finalidade de praticar um exercício aeróbico.

lambafunk – Fusão do ritmos lambada e funk.

crilouro – Crioulo que pinta o cabelo de louro.

macarronese – Salada de macarrão temperada com maionese.

camaronese – Salada de camarão temperada com maionese.

chafé – Café tão fraco que fica da cor do chá.

boilarina – Dançarina acima do peso, considerando-se o padrão da cultura vigente.

sacolé – Fusão que caracteriza o picolé vendida em saco plástico transparente.

pavô – Aquele acumula os papéis de pai e avô.

mavó – Aquela que acumula os papéis de mãe e avó.

primão – Aquele primo que foi criado junto (como se fosse irmão) ou o primo por quem se tem o sentido destinado habitualmente a um irmão.

analfaburro – Pessoa que ultrapassa os limites do desconhecimento (ignorância) sobre qualquer atividade, destreza ou assunto.

paidrasto – Pai inexorável com o filho.